

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

A CENA ROCK METAL ENTRE O MODERNO E O PÓS-MODERNO

JEFERSON COSTA DAMASCENO

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, como exigência para a obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do professor doutor Alexandre de Sá Avelar.

Uberlândia/MG

Abril/2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

A CENA ROCK METAL ENTRE O MODERNO E O PÓS-MODERNO

JEFERSON COSTA DAMASCENO

ORIENTADOR: PROF. DR. ALEXANDRE DE SÁ AVELAR

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, como exigência para a obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do professor doutor Alexandre de Sá Avelar.

Uberlândia/MG

Abril/2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

A CENA ROCK METAL ENTRE O MODERNO E O PÓS-MODERNO

JEFERSON COSTA DAMASCENO

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar – Orientador

Prof. Gustavo Zuquette Pereira – Membro

Prof. Munís Alves Pedro – Membro

Uberlândia/MG

Abril/2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

A CENA ROCK METAL ENTRE O MODERNO E O PÓS-MODERNO

JEFERSON COSTA DAMASCENO

ORIENTADOR: PROF. DR. ALEXANDRE DE SÁ AVELAR
INSTITUTO DE HISTÓRIA

Homologado pela coordenação do Curso de
História em ____/____/____.

Uberlândia/MG

Abril/2014



The Metal O Metal

"You can't kill the metal "Você não pode matar o metal
The metal will live on" O metal viverá"

Punk rock tried to kill the metal, but they failed Punk rock tentou matar o metal, mas falharam
As they were smited to the ground Enquanto foram golpeados ao chão
New wave tried to kill the metal, but they failed New wave tentou matar o metal, mas falharam
As they were stricken down to the ground Enquanto foram surrados ao chão
Grunge tried to kill the metal they failed Grunge tentou matar o metal, eles falharam
As they were thrown to the ground Enquanto foram jogados ao chão

No one can destroy the metal Ninguém pode destruir o metal
The metal will strike you down with a vicious blow O metal vai te acertar com um golpe furioso
We are the vanquished foes of the metal Nós somos os inimigos derrotados pelo metal
We tried to win for why we do not know Nós tentamos vencer, pra quê, nós não sabemos

New wave tried to destroy the metal New wave tentou destruir o metal
But the metal had it's way Mas o metal deu seu jeito
Grunge then tried to dethrone the metal Grunge então tentou destronar o metal
But the metal was in the way Mas o metal estava no caminho
Punk rock tried to destroy the metal Punk rock tentou destruir o metal
But metal was much too strong Mas metal foi forte demais
Techno tried to defile the metal Techno tentou corromper o metal
But techno was proven wrong, yeah. Mas techno provou estar errado, sim¹.

¹ <http://letras.mus.br/tenacious-d/852810/traducao.html> acesso 24/03/2014 02:09

Agradecimento

O presente texto marca de certa forma o encerramento de um período em minha vida, sendo assim gostaria de deixar alguns sinceros agradecimentos. Agradeço a todo o corpo docente da Universidade Federal de Uberlândia que em muito contribuiu não só para minha formação acadêmica como também para minha formação como indivíduo, agradeço também toda minha família, amigos, colegas de curso, enfim a todos aqueles com quem tive contato ao longo desses anos, todos foram importantes e deixaram suas marcas em mim. Um agradecimento em especial ao professor Alexandre de Sá Avelar, pela sua excelente orientação e paciência sem a qual não poderia apresentar este trabalho, estendo este agradecimento aos integrantes da banca examinadora, Munis Alves Pedro e Gustavo Zuquetto Pereira pelo tempo e atenta leitura.

RESUMO

O trabalho que se segue pretende analisar a chamada “cena” do Metal tendo como ponto de partida, a cidade de Araguari (MG) no período circunscrito entre 2003 e 2010 em que anualmente acontecia o festival *Profane Force Underground* e a partir daí expandir os horizontes. Busca por tanto o estudo de um fenômeno cultural contemporâneo tendo como ponto de partida a realidade de uma cidade do interior em um determinado período. Assim o caminho percorrido, cuida para apresentar um panorama geral acerca do Metal entendido como vertente musical, historicizando sua progressão, no intento de reunir um conjunto de códigos facilitadores e necessários para as posteriores análises. Desta forma, o Metal é capturado no contexto das comunidades ou tribos urbanas em abordagem que mais se aproxima do que se aceita por pós-modernidade. Serão Discutidas e apresentadas, interações e manifestações que se constroem partindo do cotidiano como, processos identitários e laços de identificações. Por fim, faz-se um paralelo entre a construção de tradições e transfiguração de algumas destas através de traduções desenvolvidas em conjunto com a constituição das tribos do Metal.

Sumario

INTRODUÇÃO -----	10
 CAPITULO 1: QUE COMECE O SHOW -----	14
1. Sobre O Heavy Metal -----	15
1.1 Abrem-se os portões -----	17
1.2 A força do Metal brasileiro -----	20
1.3 Black Sabbath -----	22
1.4 Deep Purple -----	24
1.5 Led Zeppelin -----	25
1.6 As famílias do Metal (Árvore genealógica) -----	26
1.6.1 N.W.O.B.H.M -----	27
1.6.2 Map of Metal e Encyclopaedia Metallum -----	28
1.6.3 Thrash Metal -----	28
1.6.4 Power Metal -----	29
1.6.5 Glam Metal -----	29
1.6.6 Death Metal -----	30
1.6.7 Black Metal -----	31
1.6.8 Metal Progressivo -----	32
1.6.9 Doom Metal -----	33
1.6.10 Gothic Metal -----	33
1.7 Incontáveis vertentes -----	33
1.8 Invasão Mundial -----	35
1.8.1 Japão -----	36
1.8.2 Índia -----	36
1.8.3 China -----	37
1.8.4 Indonésia -----	37
1.8.5 Israel -----	38
1.8.6 Emirados Árabes -----	38
1.8.7 Brasil -----	39
 CAPITULO II: SOCIEDADE DE METAL -----	40
2.1 Irmandade -----	45
2.2 Abrem-se as cortinas acendem-se as luzes -----	47

2.3 Identidade e socialização -----	59
2.4 O cotidiano -----	63
2.5 Set The Stage -----	67
3. CAPITULO III: DUELO DE TITÃS MODERNIDADE X PÓS- MODERNIDADE -----	69
3.1 Neofobia -----	70
3.2 Herança e tradição -----	71
3.3 Traduzindo as tradições -----	76
3.4 Sincretização cultural e musical -----	81
3.5 Saideira -----	93
3.6 Conclusões -----	94
 REFERENCIAS -----	 97
 VÍDEOS -----	 97
 BIBLIOGRAFIA -----	 97

INTRODUÇÃO

"No começo havia silêncio e escuridão, por toda a Terra.

Então veio o vento e um buraco no céu.

Trovão e relâmpago vieram estilhaçando,

Atingiram a Terra e racharam o chão,

O fogo queimou alto no céu.

Das profundezas, o fogo derreteu a pedra,

O chão tremeu e começou a bater.

Os deuses fizeram o heavy metal,

E eles viram que era bom

Eles disseram para tocar mais alto que tudo,

Nós prometemos que o faríamos.

Quando os perdedores dizem que é o fim.

Saiba que é mentira.

Os deuses fizeram o heavy metal,

E ele nunca morrerá."

(Manowar)

Meu grande interesse ao ingressar no curso de historia era sem duvida a Antiguidade Clássica. Tinha grande interesse em História Antiga, Roma, Alexandre o Grande, pela Grécia Antiga com os poemas épicos de Homero, ou ao que tive contato mais intimo a Teogonia de Isiodo, me fascinava as tragédias, a admiração aos heróis, o teor emotivo dessas obras, enfim, intrigado por Tucídides e seus relatos sobre a guerra do Peloponeso me era estimulado o ânimo a imaginar os diversos mundos que tomaria conhecimento. Porem tão logo iniciei o curso de história, foi desconstruída toda minha idéia de história como um conhecimento desvinculado do meu cotidiano, da minha realidade, da minha forma de enxergar o mundo, aprendi a duras penas a desconstruir o pensamento “maniqueísta” que havia aprendido durante toda minha vida escolar. Diante disso, pode-se dizer que sofri um forte baque, passei a ter uma perspectiva muito menos animadora e um pouco da aura de admiração ante do curso foi perdida, já que aquele conhecimento quase “místico” que estaria contido em todos aquelas prateleiras de livros numa biblioteca na verdade não existia era todo construído, desconstruído e constantemente reconstruído. Ao decorrer do curso outras grandes angústias foram se somando como a de encontrar uma lógica para as aulas que viria a ministrar. As discussões realizadas nas disciplinas de estágio e docência estavam longe de corresponder às questões sobre as quais eu gostaria de me debruçar, se discutia o esvaziamento da esfera pública, o desinteresse pelo público, a ausência de engajamento de uma juventude alienada, o individualismo exagerado que leva os homens a se esconderem em uma solidão privada, a necessidade e responsabilidade de educar o aluno para ser um cidadão participativo socialmente, para que desenvolva consciência social, estas entre um mar de outras questões e desafios do tipo.

Minhas preocupações de modo geral nunca foram materiais, as injustiças sociais não faziam parte do caminho que pretendia trilhar. Minhas inquietações se estendiam a outros horizontes, as questões materiais relativas a “desconfortos” do presente sempre me pareceram desinteressantes, já que minhas preocupações não estavam tão ligadas a temporalidade, presente, passado e o futuro, e é de fato o aspecto etéreo encontrado nas tragédias gregas que me instigavam o interesse. Por vários momentos meu relativo desinteresse por questões sociais me fez sentir deslocado e com dificuldades

ante o curso. Tendo meu afã em pesquisar história antiga em meu projeto de conclusão de curso desencorajado, me lancei em busca de um novo tema, e recorrendo basicamente a meus gostos particulares cheguei a definição do tema que aqui será abordado. Frequentando shows, ou em contato com amigos percebi que não precisaria retroceder séculos no tempo para buscar temas que me seriam prazerosos e relevantes para uma pesquisa.

A música sempre ocupou um lugar de destaque na minha vida e não raramente, amizades, interesses e conhecimentos eram em consequência da música. Assim minha proposta de pesquisa havia se definido, meu olhar seria lançado sobre fenômenos decorrentes do estilo musical Heavy Metal.

A pesquisa para esse tema criou vários desafios a serem superados, falar sobre música e fenômenos que dela se desprendem não poderia ser feito em moldes pragmáticos, o assunto demanda doses de imaginação, empatia e emoção para que esse olhar possa captar certos elementos que apenas utilizando apenas uma percepção racional analítica não seriam suficientes.

Infelizmente em autores historiadores são muito pouco as fontes que se pode conseguir encontrar sobre o assunto tema desta minha pesquisa, (o Metal) sendo assim não foram poucas às vezes em que foi preciso buscar o auxílio na antropologia e sociologia, um dos pilares de sustentação da pesquisa foi o sociólogo Michel Maffesoli, já que as questões por ele propostas se encaixam com facilidade com o presente trabalho conceitos de identidade e identificações, social e sociabilidade, serão amplamente utilizados na pesquisa proposta, assim como estilo e imagem serão elementos tão importantes quanto, além disso a reflexão do autor sobre o esgotamento da modernidade e sobre o tribalismo urbano serão centrais no corpo da análise. A Maffesoli outros importantes nomes se juntam como o de Eric Hobsbawm, Stuart Hall e o antropólogo Nestor Garcia Canclini.

O primeiro capítulo do texto a busca é fornecer ao leitor elementos básicos cujo conhecimento é necessário para a compreensão dos capítulos seguintes. Assim, a tentativa é contextualizar o leitor sobre a gênese do Metal, apresentando certos códigos essenciais para que possa acompanhar o olhar lançado sobre o “mundo” do Metal.

O Segundo capítulo penetrar nesse mundo e identificar elementos que possibilitam a sua compreensão. Ali conceitos de sociabilidade, socialidade e identidade serão explorados.

O ultimo capítulo avança ainda mais rumo ao interior desse “mundo”, abordando as tensões derivadas do estilo sob a perspectiva e girando em torno de interações sociais e elementos constitutivos da vida contemporânea e pós-modernidade.

CAPÍTULO 1: QUE COMECE O SHOW

1. SOBRE O HEAVY METAL

Sem duvidas existem no mundo muitas pessoas que se interessam por historias e entre estas existem algumas em especial que apareciam com mais propriedade, que fazem dela sua profissão, estas ao se depararem com uma história alem do simples prazer que ela por si só pode trazer, intuitivamente começam a formular diversas indagações, muitas vezes gostam de entender todo o processo que levou a construção da história, para o presente texto seria interessante fazer muitos retrocessos ao passado, para montarmos uma linha cronológica, poderíamos começar pelo que veio logo anteriormente, falaríamos sobre o Rock, ou ainda antes o Jazz e Blues poderíamos retroceder até as origens das musica clássica o contexto e as obras de nomes como Antonio Vivaldi, Ludwig van Beethoven, Wolfgang Amadeus Mozart entre muitos outros, mas não hoje, hoje convenientemente serão feitos recortes, escolhas que objetivam tentar puxar para luz do presente ao menos uma pequena fração da historia da musica , mesmo que isso traga algumas frustrações, aqui tentaremos identificar quando e como o gênero Metal sai das garagens² para ganha o mundo, ou seja, buscar suas possíveis gêneses e perceber como ele se espalha pelo globo, e como as mais diferentes culturas dos mais diferentes países se apropriam deste gênero musical como o interpretam, desenvolvem, agregam suas especificidades ou peculiaridades. Ao se espalhar pelo mundo o Metal que nasce em um formato especifico é submetido a varias forças, criadas por, e que, movimentam as sociedades, forças como: conceitos ou preconceitos intrínsecos, tradições, costumes, religiões, educação (tanto no sentido escolar, quanto no sentido de regras de comportamento social) estes elementos ou forças sociais dos poucos acima exemplificados entre inúmeros outros que ajudam a caracterizar a cultura de um país. A cultura ao interagir com a arte musical, ou especificamente gênero Heavy Metal, se apropria, absorve e reage das mais variadas maneiras, apresentando as mais diferentes configurações. Veremos ao decorrer do trabalho, no cenário globalizado pós-moderno, um movimento cultural de tal natureza é algo absolutamente comum. Se podemos encontrar no Brasil a comemoração de um feriado como o Halloween³ ou nos deparamos com surfistas

2 Um grande número de bandas inicia seus ensaios musicais nas próprias garagens de suas casas.

3 A Data de 31 de Outubro é mundialmente conhecida como "O dia das Bruxas ou Halloween", que é uma festa típica que acontece nos países anglo-saxônicos, com especial relevância nos Estados Unidos. A HISTÓRIA DO

vestindo bermudas e chinelos em centros urbanos a quilômetros de distancias das praias, ou encontramos automóveis projetados para alto desempenho e velocidade em rodovias norte-americanas ou européias sendo importados para transitar em estradas brasileiras cujo estado de conservação não permite desenvolver de forma segura uma velocidade maior que 60 km/h. Pouco se pode estranhar o fato de uma cultura que se forma a partir de um estilo musical surgido na Europa consiga se desenvolver na Ásia, Oceania, África e até mesmo em uma cidadezinha do interior de Minas Gerais. Desde seu surgimento no final da década de 1960 na Inglaterra o Heavy Metal já completa quase 50 anos de uma existência bastante ativa, já foi produzido, reproduzido, transformado e re-transformado em diferentes contextos, se tornando bastante apreciado em todo os cantos do planeta.

Desenvolvendo um pouco mais o assunto, sobre a gênese do Metal que repetindo se situa no final da década de 60 faz-se necessário falar ao menos diminutamente sobre seu “pai”. Diferente do que afirma Raul Seixas “o diabo é o pai do rock!”⁴ acreditamos que em termos rudimentares foi da união entre Blues e Jazz (então teríamos os avôs do Metal) que o rock foi concebido, este o rock surge como apenas a ponta de um iceberg no final da década de 1940 inicio da década de 1950 para e a partir daí se desenvolver e espalhar rapidamente passando por varias fases como o Rock dançante de Elvis Presley e Little Richard ou o Flower Power⁵ de grande parte da carreira dos Beatles, entre outras, até começar a assumir posturas e um som cada vez mais agressivo, alto e barulhento gerando então o Heavy Metal. Com isso apresentados rapidamente os antepassados direto do Metal podemos nos dedicar e falar sobre e com um pouco mais de propriedade a seu respeito.

Arrisco afirmar que, praticamente nenhum historiador pós-positivismo consegue afirmar categoricamente uma data ou um local exato para o surgimento do seu objeto de pesquisa, este caso não foge à afirmação e enfrenta com grande dificuldade tal problema. É muito complicado estabelecer de forma absoluta quando teria surgido qualquer gênero musical, pois em geral é fruto de influencias anteriores com pitadas mais ou menos generosas de novidades, este problema em estabelecer com exatidão datas e locais como já afirmado também se apresenta também neste

HALLOWEEN E SEUS DETALHES! Disponível em:

<<http://www.alemdaimaginacao.com/Noticias/A%20Historia%20do%20Halloween.html>>. Acesso em: 2 jan. 2014.

4 Raul Seixas - Rock do Diabo <http://letras.mus.br/raul-seixas/48329/> acesso 13/02/2014

5 Slogan utilizado nos anos 60 e 70 como símbolo da ideologia de não-violência e repudio a guerra.

trabalho. No Livro; Heavy Metal: Guitarras em fúria, Tom Leão busca de forma mais aprofundada as raízes do surgimento do Metal, mas, no momento, mesmo que de uma forma demasiadamente brusca, consideramos o Metal como tendo surgido em sua forma mais concreta, com suas características identitárias mais delineadas no final da década de 1960, início de 1970 na Inglaterra do trabalho de três bandas que não sendo as únicas, mas que obtiverem grande destaque na construção e formação da cena Metal, em ordem alfabética (para evitar o problema com datas), são elas, Black Sabbath, Deep Purple e Led Zeppelin.

1.1 Abrem-se os portões

O ano era 2003 a cidade Araguari cidade que anos atrás contava com certa tradição e um publico considerável para a quantidade de habitantes, mas que até aquela data sua cena musical *headbanger* encontrava-se de certa forma adormecida. Era o início de um festival chamado Profane Force Underground que viera para despertar a região do triangulo mineiro a partir da pequena Araguari, o local escolhido uma casa de shows (Dallas Country) localizada na periferia da cidade com muito espaço aberto e afastada o suficiente para evitar conflitos com não simpatizantes do som que seria executado. Para o primeiro festival foram escolhidas vertentes consideradas como as mais extremas para comandar esta primeira edição, nesta noite se apresentaram 10 bandas sendo elas de Araguari (MG) Escaravelho do Diabo (Black Metal), Fear Of Death (Heavy Doom) e Kimera (Heavy Metal); de Araxá (MG) Symbolic (Thrash Metal); de Barretos (SP) Guardians Of Profane Secrets (Black Metal); de Brasília Eminent Shadow e Vultos Vocíferos (ambas Black Metal); de Uberaba Eternal Eclipse (Black Metal); fechando com as uberlandenses Epidemic e Necro Cristi (ambas Death Metal), e todas aproveitaram a oportunidade para destilar sua música com covers e canções próprias.



6

Araguari cidade do interior com pouco mais de 100 mil habitantes está longe de ser uma metrópole, conseqüentemente possui um modesto público de *metalheads*. Por certo que não se pode comparar os universos, uma coisa é o grande circuito integrado pelas grandes capitais como São Paulo e Rio de Janeiro onde os grandes concertos de Metal reúnem facilmente mais de 20 mil pessoas, outra é um festival realizado em uma pequena cidade do interior organizada e divulgada apenas por fãs do estilo, mas que nem por isso deixa de ser importante e mostrar a abrangência e força desta vertente, o caráter amador ou melhor dizendo underground destes pequenos festivais que a exemplo de Araguari ocorrem por todo

6 http://2.bp.blogspot.com/-6uSCq_JXJq4/UbL-Tpx8PHI/AAAAAAAAASM/rOG-CHnLx_4/s1600/PROFA.jpg acesso 08/04/2014

o Brasil é de suma importância para a manutenção dos grandes circuitos e expansão da cena Metal brasileira. Unindo-se a este festival de 2003 varias outras sete edições se seguiram uma a cada ano onde pequenas bandas, aspirando um lugar nos “salões do deus metal” encontravam um espaço para mostrar seu trabalho e onde também os fãs do gênero conseguiam se reunir em confraternização celebrando seu entusiasmo pelo Metal e que de outra forma talvez estes fãs estariam isolados e alheios a existência uns dos outros, ai temos a grande importância de pequenos festivais ocorrendo em pequenas cidades fora dos grandes circuitos pois em pequenos e espalhados focos mantém a chama e a força desta cultura e tribo.

Retomando o *Profane Force Underground I* pode-se dizer que o local estava consideravelmente cheio. Membros das bandas esperando sua vez no palco se misturavam ao publico criando um ambiente de interação social muito interessante. Alem disso a baixa altura do palco se por um lado trazia um pequeno inconveniente de dificultar a visualização das pessoas que estivessem mais afastadas, por outro colocava banda e publico mais próximo criando uma atmosfera de intimidade. A simples observação da disposição do publico traz constatações interessantes, pois geralmente quanto maior a proximidade física do fã com a banda maior e mais aparente é o entusiasmo, exteriorizados com os movimentos ou a dança e o bate cabeça mais contundente seguindo o ritmo das canções.

É lógico se pensar que a qualidade do som tanto em relação ao aparato técnico quanto em relação a habilidade das bandas não seria das melhores dado ao caráter amador do festival, mas de fato na realidade não era isso, não é a qualidade o que importava, o festival ou “showzinho” se torna algo maior, é local onde iguais se encontram, interagem trocam experiências, conhecimentos, extravasam emoções. A qualidade em si tanto não é importante que como dito a este festival pelo menos mais 06 se seguiram sempre com mais ou menos a mesma media de publico no mesmo local com praticamente a mesma qualidade de som e iluminação.

1.2 A força do Metal brasileiro

Caso levemos em consideração a “grande mídia”⁷ e as pessoas que se orientam por seus ditames o Metal teria morrido no final dos anos 1980 após uma explosão de popularidade, mas mesmo que não seja de conhecimento da grande massa, que como dito se orienta por modas e informações criadas e conduzidas pela grande mídia⁸ o Metal ainda continua vivo, forte e ativo. E o Brasil é um dos grandes mercados consumidores para este estilo musical. Podemos citar como um marco em que o país entra para o hall dos países respeitados dentro da cena Metal o ano de 1985 e o grande festival Rock’in’Rio quando a ditadura militar estava ruindo o festival é como um grito por democracia e liberdade em que estiveram presentes em sua primeira edição mais de 1 milhão de pessoas.

“O ano era 1985 e o Brasil passava por grandes transformações. Após longo período sob uma ditadura militar, o país começava a dar os primeiros passos rumo à democracia. Nesse cenário, pela primeira vez um país da América do Sul, que vivia tempos semelhantes, sediaria um evento musical desse tipo... Nela estiveram nomes como AC/DC, Iron Maiden, Ozzy Osbourne, Queen e os brasileiros Gilberto Gil, Paralamas do Sucesso e Barão Vermelho. Ao todo, 28 bandas, nacionais e internacionais conduziram as páginas da história para uma nova realidade: o Brasil tem seu grande festival.”⁹

Com o respeito que o Brasil foi conquistando dentro do circuito *headbanger*¹⁰ são pouquíssimas as bandas que se destacam dentro do cenário que não fizeram apresentações no país e muitas das grandes bandas inclusive frequentemente registram suas passagens pelo país¹¹. Não se pode deixar de citar como

7 Responsável pela construção do chamado cenário *mainstream* (corrente principal) que seria um cenário dominado pela ideologia mercadológica capitalista de produção aceito, disseminado, e conduzido pelas mídias de massa o Metal ficaria fora desse cenário pertencendo ao chamado mundo *underground* (submundo).

8 Conjunto de empresas (imprensa, televisão, rádio, agências de publicidade, etc.) que se dedicam a mediar comunicação humana.

9 Disponível em: <<http://rockinrio.com/rio/rock-in-rio/historia/>>. Acesso em: 5 jan. 2014.

10 Os *headbangers* ou *metalheads* são os fãs do Heavy Metal e suas variantes. O termo, que numa tradução livre significa “Batedores de cabeça”, refere-se ao movimento executado pelos fãs enquanto as bandas tocam suas canções.

11 DVD’s e discos, Bruce Dickinson - *Scream for Me Brazil* 1999. *Incantation – Blasphemy In Brazil Tour* 2001. *Manowar - Hell On Earth III* entre muitos outros exemplos.

determinante para criar no exterior o respeito pela cena metalhead no Brasil a banda Sepultura.

Foi em Belo Horizonte, no ano de 1983 que a história do Sepultura começou. Mais precisamente quando os irmãos Cavalera Max e Igor decidiram chamar seus amigos de colégio Paulo Junior e Jairo para montar uma banda. Um ano depois, num festival de bandas em Belo Horizonte, a Cogumelo Records contrata a banda, após o dono da gravadora ter assistido o show do Sepultura, e o grupo decide fazer um disco. O nome é Bestial Devastation, que foi gravado em apenas dois dias, mas só seria lançado em 1985. A banda, então, faz uma tour brasileira pra promover o novo petardo... o terceiro petardo do grupo: Beneath the Remains. Este foi gravado em nove dias e produzido por Scott Burns. O disco o um dos melhores lançamentos do ano sendo comparado até a Reign in Blood, do Slayer. E, pela primeira vez, o Sepultura sai em tour fora do Brasil.¹²

Durante a década de 1990 a banda sepultura fez grandes contribuições para o Metal brasileiro e mundial, ela que ganhou grande popularidade exterior e somente em seguida no Brasil, reforçadas nos anos 2000 pelo sucesso massivo das bandas brasileiras Angra e Shaman desenvolveram bastante o Metal Brasileiro. Mesmo que ao compararmos com duplas sertanejas, cantores de MPB, ou os Mc's do Funk o Heavy Metal no Brasil seja pouco conhecido e muitas vezes marginalizado não é difícil encontrar pessoas perambulando com suas camisas pretas de banda, coturnos e cabelos compridos pelas ruas e calor escaldante do Brasil.

Há muito tempo eu vi/ Anos 70 surgir/ O som do metal/ O metal do Brasil/
Jovens de toda a nação/ Rendem-se a essa paixão/ Que toca a alma/ Toca o
coração/ De norte a sul/ Os bravos heróis/ Bandas, fanzines e fãs/ Juntos numa
só voz/ Vai ó guerreiro és imortal/ O pioneiro do metal/ Mostra essa força/ Que
nos uniu/ Vida longa ao metal do Brasil/ Heavy metal/ Heavy metal Brasil/ Heavy
metal/ Brasil Heavy metal.../ Com instrumentos nas mãos/ E a força de uma
canção/ Fizemos a historia/ Nossa Revolução.../ Avante guerreiro és imortal/ O

¹² Disponível em: <<http://whiplash.net/materias/biografias/038376-sepultura.html#.Usm6x22Ffh4>>. Acesso em: 05/01/2014.

pioneiro do metal/ Mostra esta força/ Que nos uniu/ Vida longa/ Ao metal do Brasil/ Heavy metal/ Heavy metal Brasil/ Heavy metal/ Brasil Heavy metal (...).¹³

1.3 Black Sabbath

O Black Sabbath parece ter cunhado suas primeiras musicas assim como a imagem que gostariam de passar baseado no sucesso que os filmes de terror vinham fazendo durante a década de 1960, em sua biografia Ozzy Osbourne diz:

"Foi Tony (Tony Iommi) quem sugeriu primeiro que fizéssemos algo que soasse do mal. Havia um cinema chamado Orient ao lado do centro comunitário onde ensaiávamos em Six Ways, e sempre que tinha um filme de terror a fila dava volta no quarteirão... Lembro de Tony ter falado isso um dia. "Talvez a gente devesse parar de fazer blues e começar a escrever musicas de medo." Bill e eu (Ozzy) achamos uma ótima idéia, assim começamos a escrever uma letra que acabou se transformando na musica "Black Sabbath"... Ai Tony criou esse riff amedrontador. Eu gemi uma melodia em cima disso e o resultado ficou legal pra caralho - a melhor coisa que já tínhamos feito, de longe. Mais tarde me falaram que o riff de Tony está baseado no que é conhecido como o "intervalo do demônio" ou "trítono". (Biografia Ozzy pagina 93)

Este pequeno trecho narrado por Ozzy resume importantes características que fazem parte da essência do Metal. O Black Sabbath formado em Birmigham por Bill Ward (bateria), Ozzy Osbourne (vocal), Terry "Geezer" Butler (contrabaixo) e Tony Iommi (guitarra) que se juntam no final dos anos 60, logo no inicio o nome da banda foi um problema, entre outros, durante algum tempo foi chamada de Earth, porém esse nome chamava a atenção de um publico que se assustava com o estilo e som da banda, em sua biografia Ozzy diz:

¹³ Canção promocional exaltando o Metal brasileiro a música é tema do filme "BRASIL HEAVY METAL" produzido pela IDEIA HOUSE - www.ideahouse.com - com a participação de 16 dos mais importantes vocalistas de bandas brasileiras surgidas nos anos 80.

“O flyer promocional que Jim Simpson tinha mandado fazer para nós provavelmente havia aumentado a confusão: parecíamos um bando de hippies, com cada um dos nossos retratos desenhados à mão dentro de pequenas nuvens ao redor de um grande sol e “Earth” escrito em letras psicodélicas” (Biografia Ozzy pag. 95)

Percebendo e para evitar esse problema os integrantes mudam o nome da banda para Black Sabbath nome também título do seu primeiro single¹⁴. Que viria também em 1979 lançar seu primeiro disco novamente intitulado Black Sabbath, a partir disso eles começam uma curva ascendente de sucesso, conquistando em cada apresentação ou show um publico maior. Com sua formação original lançaram oito discos¹⁵ entre os anos de 1970/78 todos bem recebidos por seu publico, após esse período de prosperidade, por vários problemas o vocalista Ozzy Osbourne é afastado, o Black Sabbath sem seu vocalista original continua sua carreira sem perder o respeito e admiração do seu publico, outros nomes importantes da cena Metal participam da banda, nomes como; Ronnie James Dio¹⁶ que permanece entre os anos de 1979-1982 e Ian Gillan¹⁷ 1983-1984, o ultimo disco oficial é lançado em 1995 mantendo da formação original apenas Tony Iommi. Porém mesmo ficando tanto parado sem produzir, o Black Sabbath ainda atualmente mantém o respeito e o carinho do publico “metaleiro” como uma das melhores e mais importantes bandas de Metal.

14 Single termo cunhado pela industria fonográfica como uma canção com possibilidade de comercialização.

15 13 nono álbum lançado pelo Black Sabbath em 2013 após anos de separação o grupo se reúne para produzir mais esse álbum. Com 3/4 da formação original, o BLACK SABBATH apresenta agora “13”, o primeiro álbum com Ozzy Osbourne no vocal desde “Never Say Die”, lançado em 1978. Trinta e cinco anos se passaram e muita coisa aconteceu na história dessa banda e do Heavy Metal em geral. Ainda que a produção dos discos tenha se modernizado e o Heavy Metal mudado bastante, em “13”, o BLACK SABBATH consegue se manter fiel às suas origens e ainda assim soar atual. É SABBATH soando como SABBATH, apesar da sentida falta de Bill Ward. http://whiplash.net/materias/cds/180980-blacksabbath.html#.UvvfEG2Gf_o acesso 12/02/2013

16 Importante e famoso vocalista de Heavy Metal. Ronnie James Dio (*1942- +2010), um dos maiores ícones do rock de todos os tempos, foi o primeiro a utilizar “il malocchio”, gesto que acabou difundido como o maior, e talvez único símbolo verdadeiro, do rock. O símbolo data da Idade Média e não tem nada a ver com demônios, satanismo nem nada parecido. “Il malocchio”, olho mau/ruim em italiano, era utilizado como forma de proteção contra o mau olhado. Ao invés de apontar os dedos para cima, apontava-se para frente num ângulo reto, de forma a “furar os olhos” dos mal intencionados e invejosos de plantão. Dio disse, em entrevista, que aprendeu o gesto com a avó, que o fazia sempre, apontando para tudo e todos que cruzassem seu caminho.

http://whiplash.net/materias/curiosidades/179706-dio.html#.UvvbdW2Gf_o acesso 12/01/2014

17 Importante cantor inglês fez sucesso em bandas como Deep Purple e Black Sabbath.



18

1.4 Deep Purple

Pilar de sustentação e mais um dos responsáveis por criar o berço onde o Metal pode se desenvolver foi o Deep Purple a banda britânica se forma em Hertfordshire:

“O Deep Purple teve início em 1968, com o nome Roundabout. A banda se apresentava na América, a início como acompanhantes do artista

18 Ronnie James Dio fazendo os famosos “chifrinhos” do Metal <http://roqueveloz.files.wordpress.com/2010/10/ronnie-james-dio-5425d643c784ddd.jpg%3Fw%3D620> acesso 12/02/2014

Chris Curtis. A primeira formação, que lançou três discos de pouca repercussão ("Shades of Deep Purple", "Book of Talyesin" e "Deep Purple") contava com o vocalista Rod Evans, o guitarrista Ritchie Blackmore, o baixista Nick Simper, o baterista Ian Paice e o tecladista Jon Lord. O nome Deep Purple foi sugerido por Ritchie Blackmore, retirado de uma música que sua avó gostava. Em 1969 resolveram arriscar uma mudança no direcionamento musical da banda, convidando o vocalista Ian Gillan e o baixista Roger Glover, e passando a buscar um estilo que misturasse música clássica européia ao hard rock que surgia na Inglaterra com as bandas Yardbirds e Led Zeppelin. O primeiro álbum com esta formação, com o sugestivo nome de "Concerto For Group & Orchestra" foi recebido com respeito pela crítica. Não foi, todavia, um grande sucesso de público. Dariam uma virada em 1970 com o álbum "Deep Purple In Rock", que com seu hard rock direto e bem feito rapidamente chegou ao topo das paradas transformando imediatamente o Deep Purple em uma banda grande e influente. São deste disco alguns dos primeiros grandes clássicos da banda, entre outros, "Speed King" e "Child in Time"¹⁹.

1.5 Led Zeppelin

Por ultimo, mas não menos importante apontamos o Led Zeppelin como mais um dos apoios nativos da terra da rainha que construíram as bases de sustento para o Metal:

"Quando Jimmy Page, Robert Plant, John Paul Jones e John 'Bonzo' Bonham se juntaram pela primeira vez em um local de ensaio em Londres, no final de 1968, poucos podiam vaticinar que em apenas cinco anos eles estariam no comando da maior banda de rock do mundo, rumo a um nível de sucesso que sem precedentes. ... com uma combinação de talento bruto, determinação obstinada e apoio do publico de todo o mundo, o Led Zeppelin iria transcender seu inicio relativamente desapontador para se estabelecer como um das mais importantes e influentes bandas na historia do rock and roll. Inicialmente conduzido por Page, que havia se juntado à banda na esteira do final dos Yardbirds, o Led Zeppelin rapidamente desenvolveu um som

¹⁹ Deep Purple. Disponível em: <<http://whiplash.net/materias/biografias/038544-deeppurple.html#.UsmcPG2Ffh4>>. Acesso em: 5 jan. 2014.

distinto, que combinava a prática musical dos ex-músicos de estúdio Page e Jones com a paixão desenfreada de Plant e Bonham. Enquanto enraizada no Blues, sua música, ao se desenvolver, viria misturar influências de folk, country, soul, funk e reggae, além de outras, vindas do Oriente Médio, Ásia e África. Caracterizada pela voz imperativa e carregada de soul de Plant, pelos riffs e solos virtuosos de Page, o contra-baixo energético, o melódico e atmosférico teclado de Jones, mais a potência e destreza de Bonham, a música do Led Zeppelin iria efetivamente definir o som hard rock nos anos 1970 – demonstrando um contraste perfeito entre sensibilidade e peso. ((THOMAS, 2009) pag. 7) Com Led Zeppelin (1969), Led Zeppelin II (1969), Led Zeppelin III (1970), Led Zeppelin IV (1971), Houses of the Holy (1973), Physical Graffiti (1975), Presence (1976), In Through the Out Door (1979), Coda (1982) elevaram a alquimia perfeita entre folk, o rock e o heavy metal.²⁰

1.6 As famílias do Metal (Árvore genealógica)

Reafirmando, precisar a gênese do 'Metal não se mostra tarefa fácil, porém, independente de termos aqui associado seu início aos anos 1970 com a tríade Black Sabbath, Deep Purple e Led Zepellin, afirmar com absoluta certeza suas origens seria tarefa ingrata, em Heavy Metal: The Music and Its Culture e Heavy Metal: A socióloga cultural Deena Weinstein mapeia aproximadamente tendo surgido entre 1969 e 1972 e se estabelece melhor cristalizado entre 1973 e 1975, e muitos especialistas atribuem o termo Heavy Metal ter sido retirado da canção de Born To Be Wild de 1968 da banda Steppenwolf:

“...I like smoke and lightning
Heavy Metal Thunder
 Racing with the wind
 And the feeling that I'm under...”²¹

Após o trio Black Sabbath, Deep Purple e Led Zepellin ter plainado o terreno algumas outras bandas foram agregadas ao cenário e se tornando os tijolos e a

20 THOMAS, Gareth. Led Zeppelin: a história ilustrada / Gareth THOMAS ; [tradução Heitor Pitombo]. São Paulo: Editora Escala, 2010.

21 Eu gosto de fumaça e relâmpago/ O estrondo do trovão/ Correndo com o tempo/ E o sentimento que ele provoca em mim (Tradução livre e destaque nosso).

argamassa que edificaram o Heavy Metal bandas tão importantes como o próprio trio original, bandas como AC/DC, Kiss e Rush.

1.6.1 N.W.O.B.H.M

Final dos anos 1970 início dos anos 1980, surge um movimento que ficou conhecido como NWOBHM - New Wave of British Heavy Metal, ou Nova Onda do Heavy Metal Britânico movimento revitaliza e amplia a cena Metal. É neste período que inúmeras bandas alcançam a fama e se estabelecem dentro do circuito metaleiro escrevendo seus nomes na história do gênero, bandas como; Judas Priest, Iron Maiden, Saxon, Motörhead e muitas outras, sem dúvida este é um momento de grande atividade, expansão, movimentação e produção dentro da cena. Neste período os preceitos que caracterizam o Metal são desenvolvidos, aperfeiçoados, novos elementos são utilizados e toda uma nova variedade de subgêneros é criada. A partir desse momento o Heavy Metal gênese de todo um estilo musical não consegue mais abarcar tamanha pluralidade sonora que inicia e, de tronco passa a ser apenas mais um galho parte da árvore genealógica do Metal. É também nesse período que o Metal se consolida como estilo e inicia uma curva de crescimento exponencial, no decorrer desses anos alcança seu apogeu de popularidade.

As bandas buscando conquistar e fidelizar seu público ou fãs começam a buscar e construir uma identidade própria - procuram se diferenciar das bandas irmãs, com isso temos divisões e o nascimento de diversas sub-vertentes. Foi a partir deste processo que atualmente temos tamanha gama de vertentes agrupadas sob o estandarte Metal²² e não mais Heavy Metal, pois o Heavy Metal ou Metal tradicional passa a ser associado à sonoridade lançada pelo Black Sabbath - durante a década de 1980 surge o thrash/ death/ black metal e números outras ramificações. Assim o sufixo “metal”, passa a reunir em um mesmo gênero as várias

22 O metal certamente é um dos estilos musicais mais subdivididos da História da Música. Com influências externas das mais variadas, rotulações e complementos instrumentais, temáticos e estéticos o estilo se dividiu em muitas categorias. As principais são: Black metal, Crossover thrash, Death metal, Death metal melódico, Deathcore, Doom metal, Folk metal, Glam metal, Gothic metal, Grindcore, Groove metal, Heavy metal, Mathcore, Medieval metal, Metal alternativo, Metal cristão, Metal industrial, Metal progressivo, Metalcore, Neue Deutsche Härte, Nu metal, Power metal, Rap metal, Screamo, Speed metal, Symphonic metal, Thrash metal etc.

sub-vertentes, o rotulo heavy metal é apenas associado a “metal tradicional” ou “metal clássico”.

1.6.2 Map of Metal e Encyclopaedia Metallum

Em 2002 é inaugurado um site na internet chamado Encyclopaedia Metallum onde são armazenadas diversas informações como discografias, letras, e links de ligação para as websites oficiais sendo um ótimo local para pesquisa possui 94.959 bandas de metal cadastradas²³. Outra fonte bastante rica para se pesquisar e entender melhor a infinidade de subgêneros derivados do Metal é o site Map of Metal site onde encontramos divididos e descritos as vertentes com amostras de canções e vídeo clipes²⁴.

1.6.3 Thrash Metal

Após o movimento chamado NWOBHM ter alargado os caminho inúmeras outras vertentes foram nascendo. O Thrash Metal dá seus primeiros passos no inicio dos anos 1980 ainda bebendo nas águas dos percussores do gênero, o Black Sabbath com a musica Symptom of the Universe, e Stone Cold Crazy da banda Queen exclusive regravada posteriormente pelo Metallica²⁵ são apontadas essas canções que continham primordialmente o espírito Thash com seus riffs²⁶ rápidos e agressivos. Como já dito, o Thrash Metal teve influências diretas da NWOBHM, se misturando com a rapidez musical do punk rock, apresenta um compasso bem mais rápido em comparação ao Heavy Metal. Ainda dentro do Thrash Metal temos outra divisão o Trash norte-america e o Thrash europeu. O norte-americano representado principalmente pelo quarteto chamado Big Four do thrash (As quatro grandes do thrash) sendo elas, Anthrax, Megadeth, Metallica e Slayer. Na Europa a vertente também teve grande força encabeçada por Motörhead, Kreator, e Sodom tendo sido

23 <http://www.metal-archives.com/stats> dia 23/01/2014 16:32

24 <http://mapofmetal.com/#/home> Acesso dia 23/01/2014 16:36

25 Considerada uma das mais importantes bandas do Metal e precursora do Thrash Metal integra o chamado Big Four do thrash ,Anthrax, Megadeth, Metallica e Slayer

26 Riff padrão de acordes de guitarra repetidos ao decorrer de uma canção. Por exemplo no punk rock com suas canções de curtíssima duração e pouquíssimas variação no riff utilizando com poucas notas. No Metal pode variar bastante, dependendo da vertente, havendo desde músicas curtas com estruturas bem simples no estilo punk, e canções extensas com grande variação riffs.

a Alemanha o maior celeiro do Thrash europeu. No Brasil o Thrash dá à luz a maior e mais bem sucedida banda de Metal do país o Sepultura.

1.6.4 Power Metal

De origens incertas nasce da mistura do Heavy Metal com musica clássica ou erudita, é apontada como principal banda e originaria da vertente, a alemã Helloween formada em 1984, essa vertente busca a excelência nas práticas instrumentais com muita velocidade nos acordes e vocalistas com técnicas de canto bastante apuradas. Os discos de 1987 e 1988 Keeper of the Seven Keys Part I e Keeper of the Seven Keys Part II lançados respectivamente são considerados referencias para a vertente. O Power Metal engloba um grande numero de bandas, mas que nem por isso deixam de apresentarem entre si sonoridades bastante dispares. Ao fim dos anos 1980 inicio dos 1990 a vertente ganhou grande popularidade mundial, muitas bandas conseguiram notoriedade internacional sendo este o gênero onde encontramos o maior numero de bandas conhecidas fora do meio Metal. Citamos como exemplo Gamma Ray, Blind Guardian, Rhapsody of Fire, Edguy, Hammerfall, Stratovarius, Sonata Arctica, Nightwish etc são provenientes de todos os lados do globo. O Brasil também teve seus representantes, que conquistaram muito respeito dentro da cena algumas delas Angra, Shaman, Hangar, Viper.

1.6.5 Glam Metal

Glam Metal alcançou maciça²⁷ popularidade nos anos 1980 tendo o principal recanto os E.U.A após seu declínio ficou conhecido como metal farofa devido ao apelo comercial e visual em detrimento da musica. Entre seus principais representantes estão Whitesnake, Cinderella, Poison, Motley Crue, Skid Row estas entre inúmeras outras conseguiram fama devido ao forte apoio comercial dado pelas grande gravadoras e pelas mídias de massa mais poderosas e influentes. A vertente não é identificada pela sonoridade mais sim pela aparência física de seus

27 ... O Mötley Crüe passou o verão de 1985 aproveitando a onda de sucesso de seu vídeo “Home sweet home”, um lamento choroso sobre a vida na estrada. Eleito número um por semanas a fio, o sucesso do clipe levou a MTV a instituir a “Crüe Rule” [Regra Crüe], a qual estabelecia que nenhum vídeo poderia ser o favorito dos telespectadores por mais de três meses (Christe pag 193).

integrantes que se vestiam com roupas muito apertadas em geral conseguida nos guarda roupas das irmãs ou namoradas, contava também com penteados extravagantes cobertos com “Quilos” de laquê e fixadores, o rosto na mesma linha com maquiagem muito carregada as vezes de fazer inveja a prostitutas dos antros mais baratos. A vertente teve vida relativamente curta (hoje motivo de vergonha e piada, um passado negro para muitos artistas do Metal) e encontra rápido declínio afetado principalmente com a ascensão do grunge²⁸ que pegava a contra mão desse super apelo visual.

1.6.6 Death Metal

A origem do rotulo Death Metal é obscura porem uma das primeiras aparições do termo seria em um título de uma canção do primeiro disco da banda americana Possessed. Esta fortemente influenciada pelos britânicos do Venom (ainda considerados os pais do Black Metal), o Possessed inclusive retira seu nome em referência a um dos álbuns do Venom, de 1985. O Death Metal de certa forma seria uma ramificação do Thrash porem com um som bem mais agressivo e cru, ou seja, sem muita preocupação com a técnica musical. A exemplo do Thrash o Death Metal acaba se segmentando em duas sub-vertentes uma norte-americana e outra européia.

Do lado norte-americano temos bandas de muito peso dentro da cena e sempre muito respeitadas, juntam-se ao Possessed, o que “(...) todo bom headbanger sabe a importância do DEICIDE para a história do Death Metal, sendo ao lado de DEATH, MORBID ANGEL e CANNIBAL CORPSE, uma das bandas mais influentes do gênero”. O Death Metal acaba por originar outras sub-vertente, uma delas chamada Splatter Metal o estilo agrega as letras e imagem, cadáveres mutilados em decomposição alimentando vermes geralmente fazendo uso de qualquer elemento que cause repugnância. A estes nomes poderiam se somar inúmeros outros como Incantation, Suffocation, Obituary, e por ai vai - de tão fértil essa vertente se tornaria uma tarefa muito penosa citar todas as bandas conhecidas e muitas outras ainda ficariam de fora.

28 Grunge é um subgênero do rock alternativo que surgiu no final da década de 1980, inspirado pelo hardcore punk, pelo heavy metal e pelo indie rock. Grandes bandas Alice in Chains, Mudhoney, Stone Temple Pilots, Soundgarden e Pearl Jam (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Grunge> acesso dia 27/01/2014 20:49)

Do outro lado do oceano a Europa não fica atrás, conta com uma cena escandinava Death Metal fortíssima, entre muitas outras citamos a alemã Atrocity, a polonesa Behemoth, e as suecas Entombed e Children of Bodom, estas sendo consideradas gigantes dentro do estilo. O interessante dessa cena é que não raramente as bandas ficam constantes migrando entre Death e Black Metal, pois o que as diferencia é praticamente nada, apenas algumas letras de Black Metal se esforçam para inserir elementos anticristo e ou satânistas. O país da rainha, a Inglaterra apresenta o Carcass e o Napalm Death esta que teve grande importância na criação de mais uma vertente chamada Grindcore, que como estilo cria canções curtas e improvisadas.

1.6.7 Black Metal

Apesar da similaridade quando meados dos 1990 o Death Metal vinha se popularizando, e algumas bandas conseguiram espaço em emissoras como a MTV e VH1 além de posarem para capas de revistas de música, algumas das bandas de Death Metal escandinavas não se mostraram contentes, criando uma nova vertente muito mais extremista se negando a seguir o caminho do Death Metal, que estaria se tornando técnico e virtuoso. Produziam um som ainda mais cru, primitivo e poluído que acabou por se chamado de Black Metal retirado do disco do Venom de 1982.

Entre as bandas escandinavas que se embrenharam por essas veredas temo, Burzum, Immortal e Mayhem, que conseguiram a principio se manter fechados dentro das suas cenas, porem principalmente devido ao caráter extremista que foram adquirindo conseguiram notoriedade não pela música, mas devido a atitudes. No inicio apesar da similaridade quando meados dos 1990 o Death Metal vinha se popularizando, e algumas bandas conseguiram espaço em emissoras como a MTV e VH1 além de posarem para capas de revistas de música, algumas das bandas de Death Metal principalmente as escandinavas não se mostraram contentes, criando uma nova vertente muito mais extremista se negando a seguir o caminho trilhado pelo Death Metal, que estaria se tornando técnico e virtuoso e se vendendo a grande mídia. Produziam um som ainda mais cru, primitivo e poluído que acabou por ser chamado de Black Metal nome retirado do disco do Venom de 1982.

Entre as bandas principalmente escandinavas que se embrenharam por essas veredas temos, Burzum, Immortal e Mayhem, que conseguiram a princípio se manter fechados dentro das suas cenas, porém devido ao caráter extremista que foram assumindo conseguiram notoriedade primeiramente não pela música, mas decorrentes de atitudes. No início dos anos de 1990 diversas igrejas foram queimadas, houve violações de túmulos e assassinatos foram cometidos²⁹. Todos os crimes foram solucionados, e as bandas e pessoas envolvidas nos episódios alcançaram grande destaque no interior da cena Metal. Com o tempo a vertente foi amadurecendo e a música se tornou o foco, bandas como o Dimmu Borgir, os ingleses do Cradle of Filth, e os gregos do Rotting Christ, conseguiram elevar a popularidade do Black Metal por vias menos criminosas, apresentam uma música mais trabalhada tecnicamente, explorando outros elementos como uso de teclados, vocal feminino lírico, e passaram a admitir elementos da música clássica.

1.6.8 Metal Progressivo

Claramente influenciado por bandas como Frank Zappa, Jethro Tull, Pink Floyd, entre outras, estas conhecidas como bandas de rock progressivo - mas ainda mantendo predominantemente a essência do Metal mais uma vertente foi criada. Apresentam uma música extremamente técnica e com canções com duração

29 Igrejas queimadas e uma faca no crânio: 17 anos do crime mais lamentável da história do Metal. No dia 10 de agosto de 1993, o guitarrista do Mayhem Ostein Aarseth, mais conhecido na cena Black Metal norueguesa como Euronymous, foi assassinado a facadas por Kristian “Varg” Vikernes, da banda-de-um-homem-só Burzum. A tensão entre os dois já durava algum tempo, culminando na premeditação de Euronymous de tentar apagar Varg, seu fracasso nessa missão e o subsequente assassinato. Um dos amigos de Euronymous, que não foi exatamente muito esperto ao divulgar aos quatro ventos o que estava planejando, contou isso a Varg, que resolveu tirar satisfações e acabar com aquilo de uma vez. Após uma breve discussão, o guitarrista tentou esfaquear Varg, mas este foi mais rápido em pegar sua faca escondida na bota. Segundo o próprio, em sua autobiografia disponível na internet, não havia nada premeditado no sentido de matar Euronymous, e tudo o que aconteceu foi única e exclusivamente em legítima defesa. Por este crime, Varg foi condenado a 21 anos de prisão, mas foi solto recentemente, no início de 2010. A história dos dois envolve inveja, comparações entre as respectivas bandas (Mayhem e Burzum), igrejas cristãs queimadas ainda em 1993 e a existência de uma sociedade chamada Black Metal Inner Circle, negada veementemente por Varg. De qualquer forma, foi ele mesmo o incendiador da igreja de Fantoft Stav, crime pelo qual acabou preso. O objetivo dessa organização era expulsar da Noruega todo e qualquer aspecto cultural vindo de fora do país, posição que Varg não hesita em defender em vários dos seus textos, inclusive quanto à questão de grupos étnicos. A importância e influência de ambos na cena Black Metal é conhecida. Os dois tocaram no disco De Mysteriis Dom Satanæ, da lenda do Black Metal Mayhem, lançado em 1994, para muitos fãs do estilo uma das maiores obras-primas do Metal extremo em todos os tempos. Já Varg fez alguns discos enquanto estava na cadeia, apenas com teclados. Alguns os classificam como geniais, mas talvez a ausência total de produção nesse tipo de disco atrapalhe a audição de quem não está acostumado ao estilo. <http://henriquedealmeida.wordpress.com/2010/08/11/igrejas-queimadas-e-uma-faca-no-cranio-17-anos-do-crime-mais-lamentavel-da-historia-do-metal/> acesso 06/02/2014 16:40

especialmente longas, o grande nome desta vertente é sem duvida o Dream Theater porem outros nome importantes podem ser citados, Ayreon, Épica, Savatage e poderiam ser muito mais. Esta entre uma das vertentes com maior respeito dentro da cena devido al seu alto esmero técnico musical.

1.6.9 Doom Metal

Parece ter surgido por influencia do álbum Black Sabbath, da homônima banda, o Doom Metal é uma ramificação do Death Metal, porém em um compasso menos agressivo, com atmosfera melancólica e obscura. Atualmente encontramos diversas bandas que encaixam-se nesta vertente e que conquistaram uma considerável notoriedade, bandas como Anathema, Theatre of Tragedy e Tristania. Geralmente liderado por vocais femininos suaves e líricos, intercalados por vocais masculinos graves chamados de gutural, da mesma forma a sonoridade varia do suave ao agressivo, da melancolia a excitação.

1.6.10 Gothic Metal

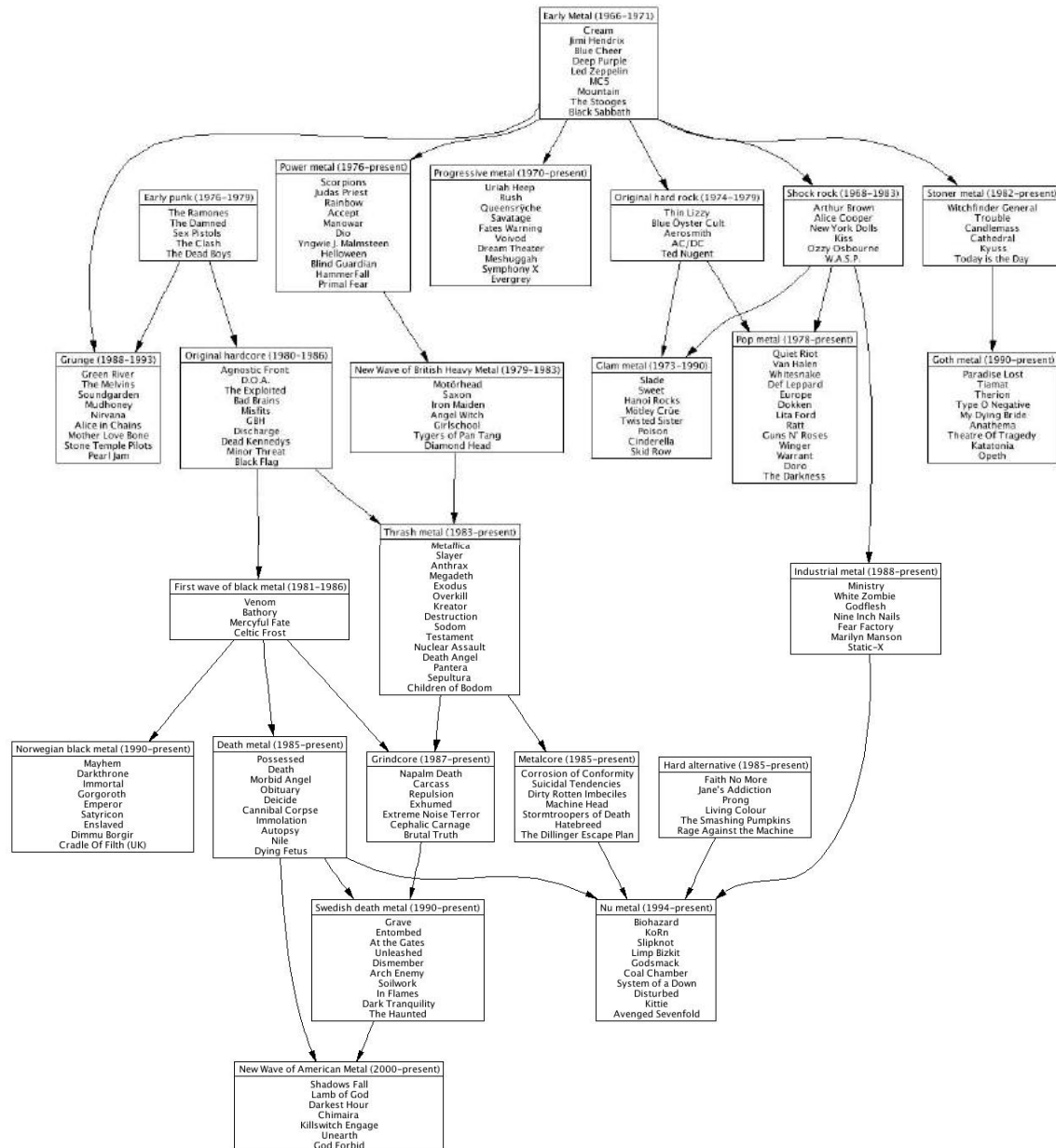
O Gothic Metal em muito se assemelha com o Doom Metal tentam também criar uma atmosfera de melancólica, triste e sombria. É resultado de uma mistura de Heavy Metal, rock gótico e são adicionados também elementos de musica erudita e orquestrada, apresentam geralmente em suas letras de musica temas ligados a religião, sexo e morte. Esta vertente está entre aquelas com maior numero de mulheres tanto no publico quanto nas bandas, para não deixar de citar exemplos, estão ente bandas de maior renome, Moonspell, Lacrimosa, Lacuna Coil, etc.

1.7 Incontáveis vertentes

Apontamos logo acima apenas um ínfimo numero de bandas, vertentes e sub-vertentes ligadas ao Metal, mas mesmo que resumidamente tomar conhecimento de algumas das suas principais ramificações é de grande relevância para um melhor entendimento dos capítulos que se seguirão. Inúmeras vertentes ou subgêneros é claro foram deixadas de lado, pois tentar apresentar todas seria uma tarefa realmente estafante pois ao longo dos anos elas tem se multiplicando com uma

velocidade e ímpeto espantoso. O Metal parece abarcar uma cultura que não consegue se aquietar - segue um padrão de constantemente se fragmenta e reinventa em ramificações que parecem querer crescer até o infinito.

Metal Family Tree = Árvore de família do Metal



1.8 Invasão Mundial³¹

Como dito são incontáveis as vertentes e sub-vertentes geradas pelo Metal, porém, logo acima algumas delas nos foram, mesmo que de forma resumida apresentadas, o que nos fornece conhecimentos básicos sobre a cena e nos permite embarcar em uma “viagem” rumo a alguns países para percebermos as diferentes maneiras como o Metal foi incorporado à também diferentes culturas e países, recorrente do processo de globalização em que se vive. Para isso pegaremos carona e utilizaremos como a principal ferramenta o documentário produzido por Sam Dunn³² intitulado Global Metal, em que faremos um vôo pelo mundo, mostrando como se desenrola a cena Metal em vários países encontrando-o (Metal) em alguns que podem nos causar espanto, estranheza e perplexidade, países com culturas tão fechadas, tradicionalistas ou pode se dizer até mesmo “intolerantes” onde dificilmente poderíamos imaginar uma cena metaleira ativa. Visitaremos: Japão, Índia, China, Indonésia, Israel, Emirados Árabes e Brasil.

Partindo do Japão e finalizando no Brasil tentaremos a experiência de relatar como o Metal se alastrou pelo planeta e como alguns países e suas culturas dele se apropriaram, acolheram e reagiram.

1.8.1 Japão

País conhecido por sua cultura que prima pela disciplina, organização e eficiência, e mesmo assim abre espaço para o Metal que, não se pode negar possui muito pouco em sua essência afinidade com disciplina ou organização, no entanto o documentário Global Metal ali o encontra e entrevistando os japoneses tenta trazer a tona seus sentimentos pelo Metal, nos depoimentos transparece que o Metal, seu som agressivo, pesado, os movimentos do corpo (dança), funciona como um momento em que se rompe com o cotidiano, um momento de liberdade e de

31 Interessante é notar como cada sociedade impregna ao Metal um pouco da sua cultura e história. A China, por exemplo, os cabelos compridos dos metaleiros o associam aos guerreiros. O Japão, as pinturas no rosto os lembram do teatro kabuki. Em Israel muitas vezes o Metal é ouvido com as palmas da mão em direção ao céu a maneira como as preces são entoada. De certa forma cada cultura o traduz e o utiliza como espaço para incutir significados que lhes são peculiares. Isto parece ser característica pertinente a vários estilos musicais que se associam e desenvolvem uma cultura própria (samba, pagode, rap etc).

32 Sam Dunn é um músico, baixista, antropólogo e cineasta canadense. Dirigiu e produziu documentários sobre heavy metal: Metal: A Headbanger's Journey (de 2005), Global Metal (de 2008), e Iron Maiden's Flight 666, são alguns deles. http://pt.wikipedia.org/wiki/Sam_Dunn acesso 11/02/2014

extravasar a energia, uma válvula de escape para as tensões e estresse do dia-a-dia, porem mesmo com essa função, um estrangeiro ao assistir ou participar de um concerto no Japão provavelmente não terá essa impressão devido a forma mais contida do japonês se comportar, nas entrevistas o metalhead japonês tenta fazer entender que o momento do show ou apenas ouvindo a musica, ele sente-se livre das pesadas pressões sociais impostas aos jovens japoneses³³. Outro ponto importante encontrado no documentário Global Mental é que o Deep Purple em 1972 é um dos pioneiros do Metal no país, são eles um dos primeiros a abrir e adentrar as “portas” do Japão, alguns anos depois vem o Kiss estes com um ponto positivo a mais, pois as pinturas que os integrantes da banda usam no rosto lembram o teatro Kabuki³⁴, daí para frente com essas bandas como pioneiras o Metal começa a penetrar e florescer no país, sendo incorporado, diluído e características japonesas são adicionadas criando uma cena Metal única.

1.8.2 Índia

Índia, país de cultura milenar e especialmente peculiar, lá o Metal encontra seu espaço como uma alternativa a cultura pop (cultura Bollywoodiana) do país. O Metal surge como uma opção cultural diferente, e também como fuga ao forte tradicionalismo e patriarcalismo da sociedade indiana, o Metal funciona também como ponto de reunião, de união, pois no momento em que ele é tocado (a musica ou o concerto) o universo musical se torna maior, podendo comportar por exemplos as muitas e diferentes religiões da Índia, (Hindus, Cristãos, Mulçumanos, etc.) sob um mesmo teto podem conviver Gandhi e Demonic Ressurrection³⁵. Nas palavras de Sam Dumm o “Metal é uma maneira de se comunicar com a cultura mundial e se sentir livre da tradição restrita” presentes na Índia.

33 Índice de suicídios de jovens bate recorde no Japão <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1125483-5602,00.html> acesso 13/02/2014

34 Kabuki é uma das quatro formas tradicionais de teatro japonês (Patrimônio Intangível da Humanidade pela UNESCO, em 2005), sendo que os outros são o noh, o kyogen e o teatro de fantoches bunraku. <http://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/kabuki.html> acesso 11/02/2014

35 Demonic Ressurrection banda de Black Death Metal de Mumbai formada em 2000 <http://www.demonicressurrection.in/biography/> acesso 11/02/2014

1.8.3 China

Apos se tornar a Republica Populista da China este país mergulha em uma ditadura que o fechou para o restante do mundo por décadas, somente há pouco tempo um processo de abertura comercial se instaura possibilitando que o país receba influencias internacionais, cria-se neste momento uma brecha para que o Metal avance por suas fronteiras adentro, pois a China se torna um pólo comercial recebendo, produtos e pessoas do mundo todo que trazem consigo sua cultura, suas preferências, suas idéias, sua musica, etc. O Metal em primeira instância ao entrar no país causa estranheza e é rechaçado pela cultura tradicionalista e milenar chinesa, mas, mesmo assim consegue subsistir - a Tang Dynasty provavelmente a primeira banda de Metal chinesa, se inicia com Kaiser Kuo nascido em Nova York posteriormente em 1988 ele muda-se para a China levando junto sua bagagem e conhecimento musical em Metal. Kaiser Kuo em entrevista diz: "A Tang Dynasty foi um fenômeno, lotávamos estádios e a maioria das pessoas que vinham nos ver não eram sequer fãs de Metal, estavam interessados neste fenômeno. Era curiosidade." Daí para frente o Metal na China começa a galgar terreno. Pouco tempo depois da chamada revolução cultural chinesa, o Metal é usado para expressão de idéias e emoções, como protesto frente as injustiças, a mão de ferro que conduzia o governo, as mazelas, miséria e a pobreza enfrentada pelo povo chinês.

1.8.4 Indonésia

País com umas das maiores populações mulçumanas do mundo e que enfrentou anos de uma ditadura fortemente opressiva permanecendo no poder até 1998, e mesmo sob condições adversas é possível encontrar ali o Metal, tendo sido até mesmo palco de grandes shows com grandes bandas de Metal isto ainda em tempos de ditadura, bandas como o Sepultura lá se apresenta em 1992, e o Metallica em 1993, em ambos os shows houve enfrentamentos entre o publico e autoridades policiais, apos essas ocorrências, shows com bandas internacionais chegaram a ser proibidos no país, com alegações por parte do governo dizendo que o Metal seria um mau exemplo para a juventude. Contudo o metal se desenvolve na Indonésia e assume forte conotação e discurso de protesto político, resultado de anos de ditadura. Sonoramente e instrumentalmente se aproxima se aproxima

bastante do punk. Ainda no documentário Global Metal é apresentada uma banda chamada Tengkorak que não se intimida em demonstrar explicitamente certo ódio por Israel, o Metal é utilizado como ferramenta no conflito mulçumano-judeu, este sendo um exemplo extremo em que a musica é utilizada para extravasar sentimentos destrutivos, mas em geral, ao falar de Metal os seus o ligam a um momento de liberdade.

1.8.5 Israel

Este país que abriga sob seu solo muita história, manter uma cultura estreitamente ligada com religião, onde supostamente caminharam, figuras que determinaram rumos importantes seguidos pela humanidade (Abraão, Jesus Cristo, Mohamed [Maomé]), grandes líderes religiosos das maiores religiões do mundo Cristianismo, Judaísmo e Islamismo, e mesmo em um país com esta pesada carga e tradição religiosa o Metal consegue se infiltrar e lá surgem bandas que fazem um som bastante extremo, agressivo em termos sonoros, o que não é sinônimo de atitudes ou letras agressivas, por exemplo, a banda israelita Orphaned Land diz: “Durante décadas, cada tentativa de fazer paz entre Israel e o mundo árabe foram fúteis e o número de mortos continua subindo. Onde os políticos falharam uma mera banda de metal com seu estilo rotulado de “Jewish Muslim Metal” or “Middle Eastern Progressive Metal” atingiu o inimaginável, unindo israelenses e árabes, apesar de todas as suas diferenças culturais, religiosas, políticas e conflitos!”. Porém em geral o Metal que se toca em Israel esta fortemente ligado as tensões da região ele (o Metal israelense) carrega em suas canções o medo, mas um que é diferente do medo que o Black Sabbath desenvolvia como sua marca em 1970, o medo não é de monstros ou demônios, em Israel ele vem da realidade, do que as pessoas reais podem fazer por ódio ou amor religioso.

1.8.6 Emirados Árabes

Ali San Dunn desembarca e conhece a cena metaleira no país, o destino a princípio era o Iran porém por questões de segurança marca encontro na capital árabe Abu Dhabi com metaleiros iranianos, e fica impressionado por confirmar a existência de Metal no Iran, pois, toma conhecimento que a polícia religiosa iraniana

proíbe a música, as camisetas de banda, os cabelos compridos e tudo relacionado ao Metal por acreditarem ter ligação com satanismo. E, no entanto arriscando severas punições e até a vida não impede a existência de metaleiros naquele país.

1.8.7 Brasil

Finalizamos onde o documentário começa é no Brasil sua primeira parada onde entrevista diversos artistas que fizeram parte da formação do Metal brasileiro entrevista Max Cavaleira, Andre Matos e o interessante relato do vocalista da Dorsal Atlântica (Carlos Lopes) onde narra que o processo de “metalização” do Brasil começou com o declínio ditadura quando se torna mais fácil e barato o acesso a instrumentos e músicas internacionais. O resumidamente parece ter sido o Metal a musica escolhida para se comemorar a democracia brasileira. O primeiro Rock in Rio, em 1985, consegue reunir mais de um milhão de pessoas tantas que pouquíssimas pessoas poderiam imaginar existia no país. Tanto o evento quanto o Metal em si faz se entender pelo discurso dos entrevistados que seria mais do que um aglomerado de fãs ou mais um gênero musical importado, é um instrumento de liberdade de expressão de uma minoria.

Capítulo 2
SOCIEDADE DE METAL

Percebemos atualmente que é recorrente no interior acadêmico certa preocupação com o que se diz esvaziamento da esfera pública. O interesse pelo privado, que surge inclusive como uma tendência historiográfica, alguns afirmam que esse desinteresse pelo público em função do privado característica do campo historiográfico Nova História levanta alguns pontos aos quais devemos refletir, pois acaba por produzir uma história que cair no campo do “interessante”, “fútil”, do “estético”. Traduzindo, crítica-se a história sem militância, apolítica que abandona os respeitados métodos analíticos do século XIX, ou seja, as questões clássicas das lutas de classe, do marxismo, a dialética e o materialismo histórico. Estas críticas levantadas por intelectuais que também consideram as décadas de 1970/80 como extremamente frutíferas em termos da produção histórica obtida. É fato que não se pode contestar a importância da história econômica e política e nem tais intelectuais, contudo, muitas vezes parece que esta pressão feita pelos críticos da Nova História são vícios de uma realidade esgotada. Referências à excitante militância e luta contra as ditaduras e um orgulho saudosismo com o maio de 1968³⁶, símbolos do engajamento político necessários de outrora, onde o sonho revolucionário marxista parecia tangível e poderia se tornar realidade a qualquer momento estão continuamente presente nos textos de tais críticos, ecoam como uma “incapacidade” destes de seguir em frente, se desamarrarem de laços criados com o passado, como se axiomas tivessem sido criados e se tornaram a “marca da besta”³⁷ de toda uma geração de pensadores cuja formação se deu há décadas.

A modernidade marcada pelo surgimento de um novo conceito de indivíduo, um indivíduo autônomo, “livre de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas, (...) antes divinamente estabelecidas³⁸”, se torna sujeito da razão, situado no centro do conhecimento:

Embora o termo ‘moderno’ tenha uma história bem mais antiga, o que Habermas chama de projeto da modernidade entrou em foco durante o século XVIII. Esse projeto equivaleria a um extraordinário esforço intelectual dos pensadores iluministas ‘para desenvolver a ciência objetiva, a moralidade, e

36 Ou revolução francesa de maio de 1968

37 Apocalipse 13:16 E faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na sua mão direita, ou nas suas testas, 17 Para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome.

38 HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 6ª edição, 2001. p.25.

as leis universais e a arte autônoma nos termos da própria lógica interna destas'. A idéia era usar o acúmulo de conhecimento gerado por muitas pessoas trabalhando livre e criativamente em busca da emancipação humana e do enriquecimento da vida diária. O domínio científico da própria natureza prometia liberdade da escassez, da necessidade e da arbitrariedade das calamidades naturais. O desenvolvimento de formas racionais e organização social e de modos racionais de pensamento prometia a libertação das irracionalidades do mito, da religião, da superstição, liberação do uso arbitrário do poder, bem como do lado sombrio da nossa própria natureza humana. Somente por meio de tal projeto poderia as qualidades universais, eternas e imutáveis de a humanidade ser reveladas³⁹.

Posteriormente as análises dos processos sociais, no século XIX, cujas produções foram chave para a modernidade, o eixo do indivíduo muda, torna-se então cativo de novas estruturas e tradições, não mais sob regras religiosas, mas agora políticas e econômicas:

... à medida em que as sociedades modernas se tornavam mais complexas, elas adquiriam uma forma mais coletiva e social. O cidadão individual tornou-se enredado nas maquinarias burocráticas e administrativas do estado moderno. Emergiu então uma concepção mais social do sujeito. O indivíduo passou a ser visto como mais localizado e “definido” no interior dessas grandes estruturas e formações sustentadoras da sociedade moderna⁴⁰.

A identidade cultural do indivíduo moderno se alinha principalmente com sua identidade nacional. Estas culturas possuem uma forma distintivamente moderna, que, juntamente com o advento dos estados nacionais, se estabelecem como uma fonte de significados, trocando gradativamente antigas identificações que funcionavam como elementos de ligação das sociedades pré-modernas.

O abandono da esfera pública e a decadência da “ação e participação democrática (...) e do sentido utópico e combativo⁴¹” é consequência de certa saturação de alguns valores da modernidade como alguns brevemente esboçados

39 HARVEY, David. Condição pós-moderna. 5a Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1992. p.23

40 Ibidem, p.29-30

41 JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. História, política e ensino. In: BITTENCOURT, Circe (org.). O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1997. p.52.

em parágrafos anteriores. Segundo Eric Hobsbawm o colapso do regime socialista soviético, “significou o fim de uma era em que a história mundial girava em torno da Revolução de Outubro⁴²”. Pode-se considerar o esgotamento utópico socialista ocorrido no século XIX, onde juntamente esgotam-se as grandes estruturas que fundamentavam a sociedade moderna. Tendo a revolução vermelha recebendo seu ponto final, o capitalismo logrado vencedor assume monopólio como único sistema econômico praticável, pois até o presente momento “não há nenhuma parte do mundo que apresente com credibilidade um sistema alternativo ao capitalismo⁴³”. Essa condição acabará por condenar o sistema capitalista a ruir por dentro, tanto por não enfrentar oposição que o desenvolva, ou por não poder se legitimar com discurso, ideologia, comparação, superação ou contraposição ao seu antagônico até então encenado pelo socialismo soviético, quanto no sentido de se auto-esgotar, pois “certamente continuará a se desenvolver, como previu Marx, gerando contradições internas que levarão a momentos de crise (...) periódicas, (...) que podem (...) levá-lo à beira do colapso...⁴⁴”.

A frase com que se inicia o primeiro capítulo (Burgueses e Proletários) do Manifesto Comunista de Marx e Engels “A história de todas as sociedades que até hoje existiram é a história de lutas de classes⁴⁵” tem forte impacto para a produção histórica do século XX. Mesmo que historiadores marxistas, como Hobsbawm, afirmem que muitos adeptos do que chamam marxismo vulgar não passaram das primeiras páginas do Manifesto Comunista, criando a chamada categoria, marxismo “vulgar” para identificar idéias de historiadores que não compreenderiam ou não representariam o “pensamento amadurecido de Marx⁴⁶”, é difícil negar que, mesmo atualmente, o marxismo é um paradigma historiográfico que felizmente insiste em não se dar por vencido. Efetivamente essa realidade é de vital importância para o contexto deste trabalho, pois ela poderia delimitar as possibilidades de compreensão dos processos que, por se mostrarem basicamente exclusivos da pós-modernidade, fogem aos elementos que sustentam a análise histórica dos modelos desenvolvidos

42 HOBBSAWM, Eric. Adeus a tudo aquilo. In: BLACKBURN, Robin (org.). Depois da queda: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. p.93.

43 Ibidem, p.104.

44 Ibidem, p.103

45 MARX, Karl, ANGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista.

[Http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/manifestocomunista.pdf](http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/manifestocomunista.pdf)

46 HOBBSAWM, Eric J. A contribuição de Karl Marx para a historiografia. In: BLACKBURN, Robin (Org.). Ideologia na ciência social. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p.248

durante o século XIX, característicos a modernidade. Assim por mais que um tema de pesquisa se mostre “estético”, “banal” ou “fútil” como o estudo de um gênero musical no caso o Metal, este pode ser utilizado como ferramenta para a tentativa de compreensão de alguns fenômenos sociais contemporâneos importantes.

O proletário, protagonista da luta de classes, definitivamente tem seu papel na trama história drasticamente reduzido com derrocada do regime soviético. Um novo personagem entra em cena e assume o papel principal, “a massa, ou o povo, diferentemente do proletariado ou de outras classes, não se apóia numa lógica da identidade. Sem um fim preciso, ele não é o sujeito de uma história em marcha⁴⁷”. Ao fugir dessa lógica já ultrapassada que o enunciava, o indivíduo da forma como a modernidade o percebia abre espaço para um novo modelo de indivíduo, que deixa de ser identificado em estruturas político-econômicas onde nem mesmo é percebido como sujeito, parelho a uma identidade cultural bem delineada, como se entendia a identidade do indivíduo moderno, não mais se sustenta se aplicado ao sujeito que hoje se encontra imerso nesta era de globalização, onde distâncias e grandezas temporais se mostram absolutamente diferentes, onde fronteiras nacionais foram notavelmente re-significadas.

O próprio princípio de individualização e o indivíduo que é a sua expressão me parecem totalmente saturados. O sujeito não é mais senhor de si mesmo, e já não mais domina o universo. O social, o racional e mecânico, surgido de uma tal configuração, não está mais na ordem do dia. (...) o individualismo, a razão instrumental, a onipotência técnica e o ‘todo econômico’ não mais suscitam a adesão de antanho, eles não mais funcionam como mitos fundadores ou como metas a serem atingidas. Dito de outra maneira, o ideal democrático está saturado...⁴⁸

Por tanto o esvaziamento da esfera pública aparece, como reflexo desta relativa saturação dos valores modernos ou ideal democrático. Diante dessa saturação da modernidade desponta uma grande demanda por outros valores, que sejam essencialmente distintos de valores que imperavam na modernidade, e que

47 MAFFESOLI, Michel. O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p.8.

48 MAFFESOLI, Michel. A Contemplação do Mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed. 1995. p.19,23 http://books.google.com.br/books?id=XF6jXKUNFuoC&hl=pt-BR&source=gbp_navlinks_s acesso dia 09/02/2014

fazer uma análise reclama certo distanciamento do pensamento “ortodoxo intelectual” que anteriormente mencionávamos por ser essencialmente moderno. Certamente não é dever ou obrigação mostrar grande entusiasmo com o aparecimento destes novos valores, com tudo é necessário admiti-los, já que seus impactos sociais, não podem mais ser negligenciados, necessitam por isso passar reflexões.

2.1 Irmandade

Para além da noção musical faz-se necessário se atentar para as esferas estéticas e verbais do Metal⁴⁹. Ante a possibilidade do desdobramento do Metal em diversas facetas que se erigem e ultrapassam as fronteiras da música, limitar o Metal apenas a um gênero musical seria insuportavelmente simplista. Mesmo que a musica seja o núcleo central sob o qual órbita uma serie de outros componentes, o termo Metal se associa com vários outros elementos alguns dos quais possuem pouca ou nenhuma ligação direta com a musica em si. Buscando uma definição que melhor se encaixaria com o Metal recorreremos novamente a Maffesoli que refere-se ao estilo “como uma espécie de língua comum⁵⁰” que traduz gênero para estilo trazendo uma definição que consegue abarcar mais comodamente os diversos elementos que integram o Metal. Ou seja, estilo consegue atingir significados mais amplos, se tomarmos o termo como, por exemplo, o estilo que uma época determinada, ou seja, a língua comum nela dominante teremos o etilos característico desta época, exemplo o estilo classicista, gótico ou renascentista, que são mais comumente associados à arquitetura ou arte, mas que perpassam por toda uma forma de se perceber ou trabalhar com a identidade predominante nesses períodos. Ao Metal, porem, isto se aplica ligeiramente diferente, sim como uma língua comum, mas que se fecha em agrupamentos, formando entre aqueles que nele se inserem vínculos de sociabilidade e auto-reconhecimento, criando, reunindo, caracterizando um tipo de comunidade, ou o que se aproxima mais e reconhecemos através de Mafessoli como tribos.

Temos hoje em dia principalmente entre jovens uma grande quantidade de estilos, constituindo uma verdadeira abundancia de tribos, que se reconhecem por

49 WEINSTEIN, Deena. Heavy Metal (the music and its culture). Da Cap Press, 2000.

50 MAFFESOLI, Michel. A Contemplação do Mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed. 1995. p.16.

meio de signos comuns a cada uma delas, como vestuário, vocabulário, comportamento, corte ou penteado nos cabelos, local de encontro, etc. O aparecimento de tribos como hipsters, skatistas, góticos, rappers, rastafaris, hippies, etc e os que nos interessa no momento os metaleiros caracteriza o um fenômeno de tribalização urbana.

A modernidade, por se pautar pelo econômico, o racional, o material, o pragmático, acaba por considerar o estilo por algo que não produz, não agrega valor entra para o campo do supérfluo, desnecessário, sem importância real para a existência da sociedade. Tendo os valores modernos entrado em decadência, o que ao longo do texto defenderemos, possibilita que valores alternativos comecem a se destacar, valores até então rejeitados, ligados ao supérfluo, o improdutivo, o imaterial, que a modernidade havia descartado vão gradativamente ganhando espaço. Ou seja, cria-se um contexto onde percebemos uma efervescência que resiste e combate os paradigmas e valores modernos. O religioso e espiritual passa a ser valorizado em contraposição ao material, o sentimental em resistência ao racionalismo, o supérfluo, o inútil, o comum, entra cada um em choque com seu opositor direto. A contemplação estética é evidenciada e valorizada.

Essa re-configuração de valores nos faz perceber um evento que inicia a “superação do principium individuationis⁵¹” que na modernidade foi tão predominante observa-se a emersão de uma forma de interação social que se dá por meio emocional, um desejo de se estar com seu semelhante⁵², a satisfação de desfrutar a companhia do outro sem que isso envolva e necessite motivos maiores⁵³, de se aprouver em conjunto o cotidiano, um sentimento de reunião que “empenha-se, simplesmente, em usufruir dos bens deste mundo, (...) em buscar, no quadro reduzido das tribos, encontrar o outro e partilhar com ele algumas emoções e sentimentos comuns⁵⁴”.

Talvez por ser uma arte, possuir uma capacidade de toque emocional muito contundente, vínculos como os logo acima descritos são facilmente construídos tendo como eixo central a linguagem musical. Já no início da década de 1940 a música, a música popular era apontada por Theodor Adorno como um “cimento

51 MAFFESOLI, Michel. O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. Prefácio à segunda edição.

52 MAFFESOLI, Michel. A Contemplação do Mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed. 1995. p.55.

53 MAFFESOLI, Michel. A Contemplação do Mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed. 1995. p.36.

54 Ibidem, p.54.

social” se aproximando muito de uma “mentalidade tribal” entre os jovens da “assim chamada geração do rádio⁵⁵”. Chama também a atenção para o fato da música popular ter forte ligação com a dança⁵⁶, a emotividade causada pela musica extravasada para o exterior pelos movimentos corporais, esses dois elementos integram e são bastante caro a cena Metal.

2.2 Abrem-se as cortinas acendem-se as luzes

O concerto ou como é comumente conhecido o show é o ápice da cultura Metal, neste momento unem-se diversos aspectos centrais, é um acontecimento singular onde reúnem-se não somente a musica mas também as paixões, emoções, identificações, etc, aspectos característicos a lógica pós-moderna sobre a qual temos discutido, alem da musica está presente simultaneamente os artistas que a produziram, a musica se personifica, a banda se torna um ponto focal onde são concentradas as emoções de uma multidão que se reuni com o propósito que celebrar, durante o concerto o espetáculo visual se torna tão importante quanto a musica, “a teatralidade instaura e reafirma a comunidade. O culto do corpo, os jogos de aparência, só valem porque se inscrevem numa cena ampla onde cada um é, ao mesmo tempo, ator e espectador⁵⁷”. Na contemplação estética presente no show e esse rito de representação e teatralidade do qual estão em comunhão tanto o artista quanto o publico, que a comunidade metaleira se reafirma, reconhece e se estabelece sua cultura é reforçada e se cristaliza.

O aspecto visual do Metal no concerto assume importância impar, a arte das capas dos discos, os logos estilizados das bandas, a imagem dos membros, o vestuário e outros elementos considerados de suma importância para a cultura Metal juntamente com a música durante um concerto encontram-se todos concentrado em um mesmo local e tempo.

55 ADORNO, Theodor W. Sobre Música Popular. In: COHN, Gabriel (org.). Sociologia. São Paulo: Editora Ática, 1986. p.112

56 Ibidem, p.118

57 MAFFESOLI, Michel. O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p.108.



58



59

59 Manowar 1º) http://madrid.cuandodonde.com/img/events/54/54_1.jpg 2º) http://www.metalsucks.net/wp-content/uploads/2014/01/Manowar-Warriors_Of_The_World-Frontal.jpg 3º) http://3.bp.blogspot.com/-OLWciGiPMIc/UU_Sxhpm6BI/AAAAAAAAJHU/chWx86diXRI/s1600/05%2Bfighting_the_world.jpg acceso 09/02/2014 15:24



60

60 Gorgoroth 1º) <http://img131.exs.cx/img131/7863/gorgoroth.jpg> 2º) http://photos1.blogger.com/blogger/3474/562/1600/gorgoroth_band.jpg 3º) http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6b/Gorgoroth_%C2%B408_-_03%282%29.jpg acesso 09/02/2014



61

61 Ghost 1º) <http://3.bp.blogspot.com/-JDXhLN2-pOA/UY83V6E4w2I/AAAAAAAAARc/cTak93ctWtY/s1600/GHOST.jpg> 2º)
http://traveljapanblog.com/wordpress/wpcontent/uploads/2012/03/DSC_6018ghost-roskilde.jpg 3º)
http://www.weallwantsomeone.org/wp-content/uploads/2014/01/IMG_2186-850x566.jpg acesso 09/02/2014
 15:42

A relevância do visual e a teatralidade nos concertos de bandas como Alice Cooper, Kiss e Dio, lançariam os primeiros modelos a serem desenvolvidos posteriormente, o visual por eles lançado ou com eles notado pode ser considerado a fonte de onde varias outras bandas beberiam para desenvolver suas características estéticas, ou seja, tiveram um forte impacto na cena com uma influencia que ainda hoje pode ser percebida, o visual neste contexto se tornaria uma marca com que cada banda poderia ser identificada.

Com o visual as bandas começaram a buscar para si uma identidade própria algo que as destacasse das demais, e dentro de cada vertente do Metal essa característica foi se refinando. O Glam Metal que conseguiu extrema popularidade na metade dos anos 1980 construiu para si uma imagem onde cada banda deveria se vestir da forma mais extravagante possível, com maquiagem espelhada em prostituta barata, roupas coladas ao corpo com recortes femininos e salto alto nos calçados também com padrões exagerados, mas femininos.



62

62 Motley Crüe http://cdn-premiere.ladmedia.fr/var/premiere/storage/images/cinema/photos/reportages/photos-moetley-cruce-le-scenariste-veut-brad-pitt-jack-black-et-jared-letto-pour-le-biopic/moetley-cruce-le-casting-ideal-pour-le-biopic/42886835-1-fre-FR/Moetley-Cruce-le-casting-ideal-pour-le-biopic_portrait_w858.jpg
acesso 09/02/2014 15:46

No caso de vertentes como o Black ou Death Metal a imagem característica que tenta suscitar é agressividade e o terror, o visual é carregado com espetos (spikes) e tarraxas, utilizam maquiagem cobrindo todo o rosto e corpo chamado corpse paint⁶³, os palcos não raramente são adornados com cabeças de porcos, caveiras de bode, cruzes invertidas pegando fogo, tentam criar um verdadeiro espetáculo mórbido e profano.



64

63 Corpse Paint (em Português: pintura de cadáver) é um tipo de pintura facial em preto e branco hoje em dia muito utilizada por bandas de black metal. Pode representar pinturas de guerra, ou expressões faciais que retratem sentimentos como ódio, agonia etc (http://pt.wikipedia.org/wiki/Corpse_paint) acesso dia 24/01/2014 as 23:36.

64 Dimmu borgir e Cradle of Filth 1º) http://alemartinsport.files.wordpress.com/2011/12/dimmu_borgir_band-208165.jpg 2º) <http://2.bp.blogspot.com/-4eYy43b1AXI/TVm0o-h0XII/AAAAAAAAABds/0FdPtpwleVA/s1600/Dimmu-Borgir.jpg> 3º) <http://liverockprods.com/wp-content/uploads/2013/04/imgcradle%2Bof%2Bfilth1.jpg> 4º) <http://i2.wp.com/www.sopitas.com/site/wp-content/uploads/2013/09/cradle.jpg> acesso 09/02/2014 15:55

Já na linha do Power Metal as bandas identificadas nesse seguimento procuram que se destaque sobre tudo a técnica musical extremamente apurada e rápida o visual se apresenta mais sóbrio e fica em segundo plano o destaque deve ir para o artista e sua habilidade e domínio sobre o instrumento.



65

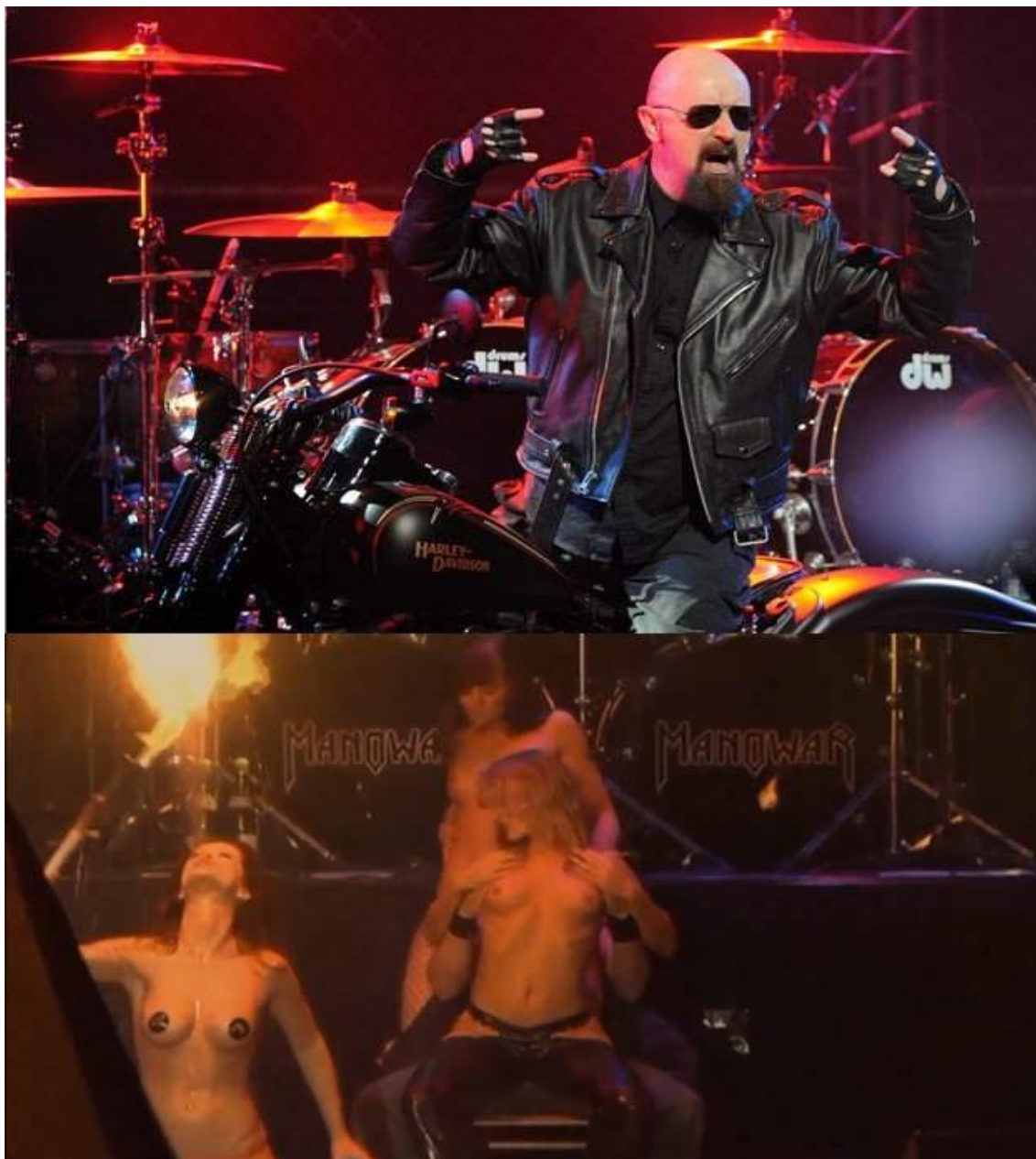
A arte das capas dos discos tema do show geralmente se fazem presentes no palco, grandes e conceituadas bandas constroem seus palcos de forma grandiosa baseado geralmente no tema do disco que estão apresentando. Ronnie James Dio era considerado um mestre neste quesito - no palco de seus shows poderíamos ver castelos, dragões, cemitérios, etc, tudo muito bem elaborado e grandioso. O Iron Maiden considerada por muitos como a maior banda de Metal, faz sempre em suas apresentações presente seu boneco mascote (Eddie) às vezes em escala gigantesca.



66

66 Iron Maiden <http://4.bp.blogspot.com/-5to-To2uvb8/UfOusx16ZxI/AAAAAAAAO50/Iv2JmpOHACE/s1600/Maiden-England-Tour-12.jpg> acesso 09/02/2014 16:28

Judas Priest e seu vocalista Rob Halford em vários concertos invade o palco montado em motos Harley. O Manowar em certos momentos conta com varias mulheres vestidas de forma sensual e até mesmo algumas mulheres presentes no concerto são convidadas a subir ao palco.



67

67 Judas Priest 1º) http://s.pikabu.ru/images/big_size_comm/2013-06_4/13715742437330.jpeg Manowar 2º) <http://i1.ytimg.com/vi/HaT89d7YY70/maxresdefault.jpg> acesso 09/04/2014 16:41

Independente do visual escolhido por cada banda e vertente do Metal, e indiferente a qualidade e técnica empregada, elementos como jogo de luzes e pirotecnia é marca constante e muitas vezes indispensável em um concerto de Metal. Porém o apelo visual não é uma questão reservada apenas ao artista. “A estética é um meio de experimentar, de sentir em comum e é também, um meio de reconhecer-se (...). Em todo caso, os matizes da vestimenta, os cabelos e outras manifestações servem de cimento. A teatralidade instaura e reafirma a comunidade⁶⁸”.



69

Ainda apenas nos entornos e filas para entrada em um concerto de Metal podemos perceber o clima que se espera e é um espetáculo a parte. O couro e a cor preta no vestuário são predominantes, a diferenciação fica a cargo das estampas das camisas que trazem uma grande gama de cores e bandas, nas cabeças o domínio é do cabelo comprido, mas, o cabelo totalmente raspado é também facilmente encontrado, porém de forma alguma existem regras impostas, aqueles que lançarem um olhar mais atento poderão perceber uma cena esteticamente

68 MAFFESOLI, Michel. O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. p.108

69 Rammstein <http://img690.imageshack.us/img690/8117/quebecaaaaa.jpg> acesso 09/02/2014 16:45

bastante heterogênea. As mulheres embora comparativamente com o público masculino em número bem menor, em geral têm mais liberdade e conseguem se adornar com mais riqueza de detalhes para os shows, usam uma maquiagem mais carregada principalmente nos olhos e roupas pouco comuns ao seu cotidiano, poderemos ver corpetes, espartilhos, muito couro e vinil, botas e coturnos dos mais variados tipos. Atualmente aos homens está se permitindo melhores cuidados com aparência, principalmente em decorrência da popularidade alcançada pela chamada moda metrossexual difundida pela mídia, porém dentro da cena Metal esse ainda continua sendo um tabu o fã de metal geralmente se atém ao básico.

Fato interessante para um observador da cena que se forma nas cercanias e fila de entrada para um concerto de Metal, não é propriamente o indivíduo em separado, não é a estética particular de cada um dos presentes. Cotidianamente são vistos trajados de tal forma perambulando pelas vias das cidades sem implicar grande espanto. O que se destaca é o cenário por eles composto ao se reunirem - a imensa quantidade de pessoas vestidas de forma tão similar que torna o cenário tão peculiar, isso sim geralmente causa perplexidade e espanto. O que salta aos olhos sobre esse aspecto é o que Maffesoli chama de “despersonalização”⁷⁰ que aponta para certas características de arrebanhamento. É um exemplo em que o conjunto supera a particularidade do indivíduo, “(...) a interação, particularmente visíveis nos grupos, tem tendência a privilegiar o todo, (...) e a complementariedade que deles resulta. É isso que nos permite falar de uma alma coletiva.”⁷¹.

“Os shows pequenos são muito bons porque conseguimos ficar bem mais perto das bandas, sentir a energia, mas os grandes são demais, como o Rock in Rio, são mais de 100 mil pessoas curtindo, mostrando que o Metal é grande”⁷².

Pegando carona no discurso acima e indo mais além, citando como exemplos, Ozzyfest, Gods of Metal, Metal Female Voices Fest, Monsters of Rock,

70 MAFFESOLI, Michel. O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. p.112

71 Ibidem, p.113

72 Entrevista concedida por Weverson Rodrigues Gomes, 28 anos, estudante, em setembro de 2013..

Wacken Open Air, Rock in Rio⁷³ são festivais que em todas suas edições facilmente conseguem reunir um público considerável, e se tomarmos os números produzidos pela venda de discos e público em concerto chegaremos a valores suntuosos⁷⁴. Queremos com isso demonstrar ou dar uma idéia de grandiosidade dessa “língua comum” que é o Metal, capaz de reunir imensas quantidades de pessoas, alcançando tamanho apelo emotivo, que coloca o público em mesma sintonia com a banda, o público ou submergir nos shows ou concertos se torna uma massa homogênea que vibra em uníssono com o artista fazendo desaparecer as distâncias físicas entre eles. O show ou concerto é impregnado de características que funcionam como um ritual dotado de signos e simbologias que permite ao público criar sentimentos de reconhecimento e de conforto por estar entre indivíduos semelhantes.

2.3 Identidade e socialização

O concerto se funda num sentimento de “estar-junto não em busca de um objetivo a ser alcançado, não voltado para o devir⁷⁵”, já que a noção de tempo se perde no momento em que se “mergulha” no concerto, juntamente perde-se também o conceito do individualismo experimenta-se uma sensação de entrega e êxtase sensação esta confirmada por entrevista: “...aquele sentimento de força, de êxtase, quase uma possessão gera um ímpeto, tamanha empolgação, que nos leva a nos espremer e a lutar pelos espaços mais centrais e mais próximos do palco, nos leva a

73 <http://godsofmatal.it/>. <http://www.wacken.com/en/woa2010/main-bands/billing-2011/pneuma11/>.
<http://www.metal-battle.com.br/>.<http://www.metalfemalevoicesfest.be/home.html>.
<http://www.metalfemalevoicesfest.be/home.html>

74 A revista billboard (revista norte-americana especializada na indústria da música) nos traz dados que dizem muito sobre o sucesso e a quantidade de capital que bandas de Metal podem gerar, em 2009 e 2010 o AC/DC é apontado pela revista como a 4ª e 3ª turnê mais rentável dos respectivos anos com 76 shows em 2009 e 28 em 2010 shows conseguiram arrecadar pouco mais de 257 milhões de dólares, a este segue-se outros exemplos, o Metallica em 2009 e 2010 com 99 shows arrecadaram pouco mais de 137 milhões de dólares, em 2011 o Iron Maiden fica na 20ª posição arrecadando pouco mais de 33 milhões de dólares. Consultando o site da RIAA (Recording Industry Association of America em português Associação da Indústria de Gravação da América organização que reuni as gravadoras dos EUA) aponta diversas banda de metal entre as mais rentáveis lá encontraremos Led Zepellin, AC/DC, Metallica, Rush, Ozzy entre muitos outros . RIAA - RIAA - June 24, 2013. Disponível em: <http://www.riaa.com/aboutus.php?content_selector=about-who-we-are-riaa>. Acesso em: 24 jun. 2013.

RIAA - Top 100 Albums - June 24, 2013. Disponível em:
 <http://www.riaa.com/goldandplatinum.php?content_selector=top-100-albums>. Acesso em: 24 jun. 2013.
 75 MAFFESOLI, Michel. A Contemplação do Mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed. 1995. p.54

dar e receber chutes e pancadas sem que isso seja um problema...⁷⁶. Essa espécie de excitação que se distancia da racionalidade, vivida coletivamente em concertos de Metal, evidencia um ambiente de condensação instantânea.

... de maneira quase animal, sentimos uma força que transcende as trajetórias individuais, ou antes, que faz com que estas se inscrevam num grande balé cujas figuras, por mais estocásticas que sejam, no fim das contas, nem por isso deixam de formar uma constelação cujos diversos elementos se ajustam sob forma de sistema sem que a vontade ou a consciência tenham nisso a menor importância⁷⁷.

Pode-se imaginar os níveis de intensidade e contágio emocional necessários para causar tamanho êxtase coletivo. O declínio dos valores modernos e a ascendente valorização do estilo, com a exaltação a aparência, a estética, a emoção o misticismo, vem acompanhada do desmontar de vínculos de sociabilidade como os observados em um concerto de Metal com os quais surge também “uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação”, que tornam “as identidades (...) mais plurais e diversas: menos fixas, unificadas ou trans-históricas⁷⁸”. “É uma cumplicidade instantânea com a galera, é uma proximidade de iguais, pede um cigarro e já começa a conversar dos shows que foi e dos que gostaria de ir, debate as bandas e o som que estão fazendo e por aí vai⁷⁹”. Assim, se na modernidade a identidade cultural do indivíduo era nacional ou de classe, justificada pela razão, na pós-modernidade e com o surgimento de relações sociais que se desenrolam em torno da imagem, do estilo, que põe de lado o racional - uma identidade acabada e fechada em si se torna impraticável. No desenvolver do capítulo falou-se em sociabilidade, porém Michel Maffesoli nos apresenta e utiliza de outro termo para identificar a interação social, fala em socialidade:

76 Entrevista concedida por Weverson Rodrigues Gomes, 28 anos, estudante, em setembro de 2013..

77 MAFFESOLI, Michel. O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. p.107

78 HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 6ª edição, 2001. p.87.

79 Entrevista concedida por Rogério Gomes, 36 anos, servidor público, em junho de 2013.

"Então, pra começar, eu não digo sociabilidade. Falo em socialidade.

Porque a sociabilidade é ainda uma maneira racional de estar junto, enquanto que a socialidade integra características de conteúdo imaginário, hedonista, dos sonhos.

Eu penso que a sociabilidade é bem moderna. É como o contrato social que foi elaborado no século XIX. A socialidade será, para mim, uma característica da pós-modernidade. O elemento essencial dessa socialidade é a estética.

Quando eu digo estética é no sentido etimológico da palavra – stesis em grego –, é esse partilhar emoções, partilhar paixões. O que eu quero mostrar é que a socialidade ou esse meio social que se vê como tribo é um partilhar de emoções sexuais, esportivas, religiosas, etc.

Minha hipótese – e eu escrevi isso num livro que foi traduzido no Brasil e se chama “No fundo das aparências” e que tem um subtítulo que trata do confronto freqüente entre a moral e a ética –, é que a moral é geral e a ética é particular. Em grego, Ethos, isto é, “o cimento”, a base, a estrutura. Um laço que se cria e vai caracterizar essa tribo, que não é mais um contrato social e sim um pacto social⁸⁰.

Esta socialidade é utilizada de forma a marcar uma diferenciação com o social:

Características do social: o indivíduo podia ter uma função na sociedade, e funcionar no âmbito de um partido, de uma associação, de um grupo estável;

Características da socialidade: a pessoa representa papéis, tanto dentro da sua atividade profissional quanto no seio das diversas tribos de que participa. Mudando o seu figurino, ela vai, de acordo com os seus gostos (sexuais, culturais, religiosos, amicais) assumir o seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do theatrum mundi⁸¹.

80 Pós-modernidade, tribos urbanas, socialidade, moda, estética e estilo: entrevista com Michel Maffesoli (<http://ascatia.com/humanidades/pos-modernidade-tribos-urbanas-socialidade-moda-estetica-e-estilo-entrevista-com-michel-maffesoli>) Acesso dia 27/01/2014 as 11h30min.

81 MAFFESOLI, Michel. O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. p.108. Nota: A tradição clássica do theatrum mundi equacionou a sociedade com o teatro e a ação cotidiana com a atuação. Essa tradição pensa os seres humanos como artistas e trata a vida social em termos estéticos. A história da cultura europeia que desemboca no século XIX, foi a de um povo que estava perdendo gradativamente a crença em seus próprios poderes expressivos, perdendo o sabor de jogar com a vida social enquanto ia atrás de bens morais e uma duvidosa ética universal.

Com base nesses conceitos pode-se apontar certo declínio do social. A pós-modernidade é marcada por um domínio do que Maffessoli chama socialidade. Se “segundo as situações e a ênfase em tal ou qual valor, a relação consigo mesmo, a relação com o outro, ou a relação com o meio ambiente pode ser modificada⁸²”, com a possibilidade de se “caminhar” entre diferentes tribos, entre as quais as situações variam e o realce recai sobre diferentes valores e características, as interações estão em constante mudança, chega a ser praticamente impossível, nesse contexto, uma identidade em moldes concebidos pela modernidade, onde o social dominava e o espaço transitado muito mais limitado. Pode-se também admitir uma “saturação do princípio de identidade e pela emergência de identificações sucessivas, características da pós-modernidade⁸³”. A identidade de metaleiro, headbanger ou metalhead foi por muito tempo bastante estigmatizada⁸⁴ e para além disso a pós-modernidade abriu preceitos para o trânsito em diversas tribos e para se evitar conflito entre as características de cada uma delas faz-se necessário certa adaptação de visual, linguagem, comportamento afim de se evitar conflitos, ou seja, devido a essa estigmatização e esse trânsito entre as tribos não é difícil encontrar aqueles que sentem simpatia pela cena Metal mas que negam serem resumidos a apenas uma tribo, se lançarmos a questão “você se considera um metaleiro?” em uma fila para um show de Metal, não serão raras as respostas de pessoas negando, e se distanciando de rótulos afirmando: “não, crio meu próprio estilo, não sigo modinhas meu estilo é muito particular a mim mesma⁸⁵” e “ não me considero de fato como metaleiro, acho meio ridículo esse povo que se diz do metal que anda por aí caricaturado se achando os donos da verdade⁸⁶”. Esse repúdio em ser definido ou resumido a uma tribo apenas, é em muito agravado pelas diferentes linguagens que existem dentro do próprio Metal. Como já demonstrado, do gênero musical Metal se derivaram uma infinidade de subgêneros. Acontece que em torno desses subgêneros ou vertentes desenvolvem-se culturas próprias, particulares, e algumas delas apresentam grande distanciamento das demais, até mesmo demonstrando hostilidade, agressividade, desprezo a elas. Ou seja, da mesma forma que o termo

82 MAFFESOLI, Michel. O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. p.92

83 MAFFESOLI, Michel. A Contemplação do Mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed. 1995. p.45

84 Jornal vê show do Iron Maiden como ‘culto ao tinoxoso’ <http://www.rockemgeral.com.br/2011/03/31/iron-maiden-jornal-ve-show-como-culto-ao-tinoxoso-e-fas-emaconhados/> acesso 13/02/2014

85 Entrevista concedida por Priscila Dantas, 25 anos, maquiadora, em Março 2013

86 Entrevista concedida por Weverson Rodrigues Gomes, 28 anos, em setembro de 2013.

heavy Metal não foi capaz de representar a grande variedade de vertentes musicais que deu origem, o termo metaleiro não consegue abarcar a diversidade cultural. O termo Metal é facilmente aceito para rotular a música, mas quando é utilizado para rotular o indivíduo, concedendo-lhe uma identidade fechada, acontecem repúdios.

2.4 O cotidiano

A socialização do Metal não se restringe apenas ao concerto musical, mesmo sendo este o zênite ritual da tribo. O ideal estético que surge das novas formas de socialização que temos trabalhado, desarticula, a ênfase no futuro, de um ideal almejado, para o agora, o momento presente, para o concreto, o palpável, que se veja presente no corriqueiro, na vida diária. A Nova História, anteriormente mencionada, favoreceu avanços conceituais em territórios não explorados pela história tradicional, interessando-se entre suas temáticas pela história do ordinário, tida por historiadores mais conservadores. Como história do “simpático, ou da curiosidade”. Tal história do curioso, do interessante é considerada anti-pragmática, boba, fútil, pois não tem entre suas preocupações o que se entende como o eixo das questões históricas e sociais, estas originadas no material e econômico. Ou seja, as ideologias seriam instituídas com base econômica – assentadas no materialismo histórico formulada por K. Marx. Como reconhece o historiador marxista E. Hobsbawm, é “preciso admitir que o modelo de Marx precisa ser melhor explicado, e que requer elaboração e desenvolvimento⁸⁷”. Em suma, faz-se necessário que essa lógica predominantemente economicista, materialista seja revista e melhor entendida.

A modernidade concebe o indivíduo como sujeito da razão, não sendo concebível imaginar a possibilidade de enxergar o mundo ser, “na maior parte das vezes, não-consciente, não-percebida justamente como uma visão”, sendo, contudo “amplamente vivenciada, na vida de todos os dias⁸⁸”. Desta forma percebemos a importância do cotidiano, no qual os indivíduos caminham entre as diferentes tribos com as quais sentem identificação.

87 HOBBSBAWM, Eric J. A contribuição de Karl Marx para a historiografia. In: BLACKBURN, Robin (Org.). Ideologia na ciência social. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p.259

88 MAFFESOLI, Michel. A Contemplação do Mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed. 1995. p.64

O concerto funciona como um ritual sobre o qual se estabelecem laços de sociabilidade. Contudo, o concerto é uma ocorrência eventual, não se aplica a vivência ordinária de “todos os dias”. Portanto faz-se necessário pontuarmos outras formas de socialização que não se prendam ao território do extraordinário, que sucede de modo mais modesto, mais comum, cotidiano.

“A cena na cidade é bem pequena e são bem poucos os locais e as possibilidades pra eventos do tipo, o pessoal acaba se reunindo, na maioria das vezes não pela música mas apenas pela reunião da galera mesmo. geralmente são as mesmas pessoas se reunindo para se divertir e jogar conversa fora⁸⁹”.

Difícilmente de forma racional pode-se negar existência de uma sociedade organizada em torno da política ou da economia, tampouco se pode negar a existência de uma sociedade que busca se diferenciar radicalmente desses modelos, que busca uma forma de socialização sem fim útil, sem praticidade, uma reunião que ocorre com a finalidade hedonista, buscando apenas a companhia de semelhantes sem motivo explícito, apenas pelo prazer de compartilhar o tempo ocioso. Na realidade o concerto não é obrigatoriamente necessário para haver reunião, a reunião pode e ocorrer sem finalidade prática. Mesmo que no interior da cena ocorram discursos em tom de austeridade, em que os headbanges ou metalhead⁹⁰ se coloquem no interior de uma cultura importante, superior em relação as demais, buscam criar elementos mesmo que abstratos para justificar seus encontros. Segundo Maffesoli, mesmo que a real motivação de reunião “seja insignificante ou mesmo, objetivamente inexistente, não é essencial. Basta que, embora de maneira fantasmática, os iniciados possam partilhar qualquer coisa. É isso que lhes dá força e dinamiza sua ação⁹¹”. No Metal, o discurso esta relacionado à cena, a presença nessas reuniões, tem como objetivo mostrar a força e manter viva e forte a cena Metal, em sentido figurado são como guerreiros ou cavaleiros embutidos da importante tarefa de guardar e manter o Metal vivo. Referencias a

89 Entrevista concedida por Priscila Dantas, 25 anos, maquiadora, em Março de 2013.

90 Apenas outro termo para identificar fãs de metal headbanges vindo inglês headbanging (balançar a cabeça) forma como usualmente os fãs “dançam” nos concertos de Metal.

91 MAFFESOLI, Michel. O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. P.129

defesa pela “cena” são corriqueiros em discursos tanto das bandas quanto do público:

Eles não podem nos parar/ Deixe-os tentar/ Pelo Heavy Metal/ Nós morreremos/ Me demiti essa manhã, disse para sempre/ Eu erguerei minha cabeça/ Porque eu preciso de Metal na minha vida/ Como as águias precisam voar/ Então eu caminhei para fora e pela estrada/ De um galpão eu ouvi trovões e gritos/ Eu adentrei e pude ouvir/ E o cara do lado me deu uma cerveja/ Eles tinha seus punhos para o ar/ E me chamando de irmão, disseram que meu amigos/ Estão logo ali/ Eles se chamam de imortais/ Eles são os verdadeiros da verdade/ E naquele exato momento/ Eu nasci de novo assim como você/ Eles dizem ergam sua cabeça para o alto/ Levantem seus punhos para o ar/ Toque Metal mais alto que o Inferno/ Mais alto que o inferno/ Eles não podem nos parar/ Deixe-os tentar/ Pelo Heavy Metal/ Nós morreremos!/ Irmãos permaneçam diante de mim, há uma batalha/ Saibam que minhas palavras são verdadeiras/ Há uma batalha pelo verdadeiro Metal/ Há uma marcha; há uma marcha/ Eu e você/ Dez mil homens fortes estão aqui está noite/ Com Vinte mil punhos para o ar/ O poder do verdadeiro Metal está te chamando/ Está em todo lugar/ Erga sua cabeça para o alto/ Levantem seus punhos para o ar/ Toque Metal mais alto que o Inferno/ Mais alto que o inferno/ Eles não podem nos parar/ Deixe-os tentar/ Por Heavy Metal/ Nós morreremos!⁹²”

Podemos observar no refrão da canção acima reproduzida “Eles não podem nos parar, Deixe-os tentar, Por Heavy Metal, Nós morreremos” o público e tratado, se reconhece, se respeita como guerreiros lutando pela supremacia do Metal. Ou seja, o Metal não é apenas música, como já viemos dizendo ao longo do texto, em vista desta afirmação ser ativo na cena é tão importante quanto à própria música, pois um sustenta o outro. Portanto neste contexto a comunidade ganha destaque sobre a individualidade o indivíduo tem seu valor mediante contribuição para o coletivo.

O envolvimento emocional com o Metal é algo realmente espantoso, o êxtase observado nos shows se amplia para além dessa fronteira invadido o cotidiano do fã.

92 Manowar - Die For Metal (Morra Pelo Metal) <http://letras.mus.br/manowar/941980/traducao.html> acesso dia 28/01/2014 11:11

O simples ato de se apreciar a música solitariamente através do disco, cria tal fervor emocional que impele para a socialização, pois sente a necessidade de compartilhar com o outro o prazer obtido. São varias as canções em se objetiva esse sentimento de partilha, heroísmo, sacrifício em função da comunidade:

“(...) O dia chega ao fim/ A noite vem escura e fria/ Voltamos aos nossos navios/ Com prata, escravos e ouro/ Demos-lhes agonia, enquanto eles caíam e morriam/ Os Deuses nos concederam vitória/ Pelo nosso sacrifício.”⁹³

“(...) Odin! Guie nossos navios/ Nossos machados, lanças e espadas/ Nos guie por tempestades que chicoteiam/ E na guerra brutal/ Nossos navios nos esperam no porto/ Chegou a hora de deixar/ Nosso país, família e casas/ Pelas riquezas no leste/ Alguns de nós não retornarão/ Mas isso não vai nos desanimar/ O nosso destino está escrito nas teias/ Tecidas pelas Norns...”⁹⁴

“(...) Façam seus cavalos atravessarem os campos/ Junto nós calvaremos para o destino/ Não tenha medo da morte, quando for sua vez/ Odin nos levará para casa, quando nós morrermos!...”⁹⁵

“Eu entrego minha alma/ Odin escute meu chamado/ Um dia eu sentarei junto ao seu trono/ No grande salão de Valhalla/ Como tantos antes de mim/ Eu morrerei com honra e orgulho/ A certeza do guerreiro/ É para sempre lutar do seu lado/ Envie um sinal, erga a vela/ Acene um último adeus/ O destino está me chamando/ Imortalidade seja minha/ Chame a feiticeira para lançar as runas/ Tecer um feitiço mágico/ Nós que morremos em batalha nascemos/ Não para o céu, nem para o inferno/ Nós somos filhos de Odin/ O fogo nós queimamos por dentro/ É o legado dos reis guerreiros/ Que reinam acima no céu/ Eu conduzirei o ataque/ Minha espada no vento/ Filhos de Odin lutam/ Para morrer e viver novamente/ Navios vikings cruzam o mar/ No vento gelado e na chuva/ Navegando na escuridão da noite/

93 Amon Amarth Gods Of War Arise (Deuses da Guerra Surgem) <http://letras.mus.br/amon-amarth/791799/traducao.html> acesso 28/01/2014 11:59

94 Amon Amarth - The Pursuit Of Vikings (A Busca Dos Vikings) <http://letras.mus.br/amon-amarth/156565/traducao.html> acesso 28/01/2014 12:03

95 Amon Amarth - Cry of The Black Birds (Choro Dos Passáros Negros) <http://letras.mus.br/amon-amarth/791699/traducao.html> acesso 28/01/2014 12:07

Estrelas mágicas são nossa luz guia/ Hoje o sangue da batalha/ Sobre minhas armas jamais secará/ Muitos eu mandarei ao chão/ Rindo quando eles morrerem/ Coloquem meu corpo num navio/ E queimem ele no mar/ Deixe meu espírito subir/ Valquírias me carreguem/ Levem-me para Valhalla/ Onde meus irmãos esperam por mim/ Fogos queimam pelo céu/ Meu espírito nunca morrerá”⁹⁶

É realmente grande o acervo de canções em que os temas fazem surgir nos fãs esse sentimento de união, defesa dos seus, da sua cultura e do Metal.

2.5 Set the stage⁹⁷

A re-configuração de valores que vem se sucedendo nas últimas décadas, tratada no desenrolar do capítulo, abre precedentes suficientes para abordar sobre um avanço da modernidade rumo a uma pós-modernidade. A saturação dos grandes modelos políticos e socioeconômicas sobre os quais se apóiam a infra-estrutura necessária para a manutenção do ideal democrático aperfeiçoados na modernidade permite o afloramento de novos ideais, que anseiam por novos ares mais ligados com estilo e a imagem. Michel Maffesoli propõe refletirmos sobre o surgimento de um ideal comunitário como herdeiro que sobrepõe o ideal democrático esgotado. O apreço ao estilo, representado pela imagem, acende o holofote sobre uma nova onda de socialidade que substitui a sociabilidade demarca a saturação do ideal de individualidade que reinou soberano durante a modernidade.

Invertendo a óptica marxista do materialismo histórico, Michel Maffesoli declara que o estilo, “longe de ser uma superestrutura determinada por uma infra-estrutura bem mais sólida, de fato remonta a uma verdadeira concepção da vida, condicionando o conjunto das instituições religiosas, políticas e econômicas de uma época⁹⁸”. Os fenômenos manifestados na pós-modernidade exigem que os conceitos originados por pontos de vistas fundamentados por análises realizadas no período moderno sejam revistos, pois não conseguem compreender as mudanças surgidas. Em razão da importante posição do estilo alcançada decorrente desta

96 Manowar - Swords In The Wind (Espada Ao Vento) <http://letras.mus.br/manowar/91961/traducao.html> acesso 28/01/2014 12:16

97 Montar o palco (Para o capítulo III)

98 MAFFESOLI, Michel. A Contemplação do Mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed. 1995. p.34

reorganização de valores, é possível questionar se este ideal comunitário caracterizado pelo contágio emocional, pelo convívio social buscando o prazer da companhia sem segundos planos, pela procura hedonista de prazer a ser obtido no presente, pelo tribalismo⁹⁹ entre outros, não caracterizaria a língua comum da pós-modernidade, seu estilo, aqui num sentido amplo, do estilo que caracteriza um período histórico. Se considerarmos um domínio do ideal teológico na idade média ou sócio-econômico na modernidade como estilos de um período, o sociólogo Michel Maffesoli propõe para a pós-modernidade um estilo baseado na estética. Independente de rótulo ou etiquetas, os elementos aqui abordados, podem ser importantes ferramentas para enriquecermos as análises e ampliarmos as tentativas de se entender o momento em que vivemos que apresenta tão grande dinamismo.

99 O que é "tribalismo pós-moderno"? MICHEL MAFFESOLI: é uma constatação empírica. Estamos notando em vários lugares uma certa desafeição pelas grandes instituições sociais, como os partidos políticos e os sindicatos. Em cidades grandes como o Rio ou São Paulo, as pessoas estão se reagrupando em microtribos e buscando novas formas de solidariedade, que não são encontráveis necessariamente nas grandes instituições sociais habituais. acesso 28/01/2014 15:22

CAPÍTULO 3

DUELO DE TITÃS: MODERNIDADE X PÓS-MODERNIDADE

3.1 Neofobia

O padrão estético inserido pela pós-modernidade, ganha espaço como estilo, funcionando como uma liga nas relações sociais, surgindo como evolução do modelo individualista tão caro a modernidade, e implantando no seu lugar o modelo de tribalização. Podemos indagar se, esse enfraquecimento do paradigma individualista moderno, e a ascensão de uma socialização pautada pela identificação com um estilo, fragilizaria a capacidade criativa na pós-modernidade. O Metal é afetado de forma a ser submetido a uma produção industrial e objetivos comerciais, somados a “fabricação” de artistas (bandas) através do apoio e controle exercidos pelas mídias de massa, criando “deuses” instantâneos, elegendo padrões estéticos que irão identificar os estilos, sobre os quais se apoiarão e regularão as tribos. A primeira vista parece ser uma sanção imposta aos membros de tribos constringendo-os à reprodução de padrões preestabelecidos por uma indústria da música e mídia de massa com poderes de onipotência e onisciência. Contudo, em autodefesa, o estilo a priori age como “fundo de cultura no qual brotam e se nutrem as obras de nosso tempo, não reprime em nada a originalidade pessoal, mas, ao contrário, a mantém, delimita seu terreno¹⁰⁰”. Sob esse aspecto o Metal em geral, se “rende” a uma produção música industrial no que tange sua promoção e distribuição, ao passo que a criação musical conserva-se sob o domínio intelectual do artista¹⁰¹.

Marginal a ao ímpeto capitalista de envolver toda produção em um processo industrial e comercial, possibilitado pelo rápido desenvolvimento tecnológico e sua popularização, atualmente com investimentos moderados é possível realizar em estúdios “amadores” toda a masterização dos discos diminuindo consideravelmente custos de produção isto aliado a democratização da internet, a confecção e promoção dos discos e bandas de certa forma se vê cada vez menos a mercê das gravadoras profissionais, reforçando o caráter underground das tribos headbanger que nasceram e se espalharam desta forma, sem o apoio, e pressões das grandes mídias. Se tornando característica de algumas tribos derivadas deste nicho citando como exemplo as culturas surgidas a partir do Death e Black Metal, subgênero do

100 MAFFESOLI, Michel. A contemplação do mundo. Artes e Ofícios. Porto Alegre, 1995. p.37

101 O Metal é considerada uma cena underground que de certa forma é o oposto da lógica e cenário sobre o qual falamos anteriormente chamada de mainstream. O cenário underground é produzido e sobrevive especialmente a margem da lógica capitalista e se auto-reproduz não dependendo das grandes mídias

Metal, podem ser comparadas aos judeus mais ortodoxos, pois, é uma vertente que partiu para uma radicalização e puritanismo extremo chegando a mostrar hostilidade contundente até mesmo com as demais vertentes do Metal. E isto em diferentes escalas é parte do “discurso oficial” da maioria de suas vertentes, o discurso que entrar para a cena mainstream dominada pela grande mídia de massa seria se submeter. Porém mesmo que na realidade esse discurso não se sustente já que fãs de Metal sentem “orgulho” em adquirir (por tanto consumir) artefatos, objetos de seus artistas favoritos, esse comportamento ou discurso merece reflexão, pois está ligado a questões de reconhecimento e identidade. Já que identidade cultural se apóia em signos, símbolos, tradições e para que está não se esfacele diante do dinamismo implacável da pós-modernidade, e mantenha as características que lhe atribuem sentido, é necessário estabelecer uma ponte entre presente e passado. Ou seja, é através de rituais, discursos e tradições o Metal se mantém, resiste e almeja se perpetuar vivo. Não se pode negar que o Metal mesmo nunca tendo sido filho grato as mídias de massa conseguiu se perpetuar já que se somando “por cima” já passou dos seus 40 anos de idade, conseguiu isso praticamente por esforços próprios de sua comunidade. Em 1970 data aproximada de seu nascimento não tinha a sua mão uma ferramenta de divulgação tão poderosa quanto a internet e dependia dos esforços e vontade de e dos artistas (bandas) para se fazerem conhecidos, como já dito sem o apoio das mídias de massa, foi através de fanzines, correspondências via correio e troca de materiais (principalmente fita K7) entre os fãs que o Metal conseguiu subsistir, crescer, se espelhar pelo mundo.

3.2 Herança e tradição

Sobre herança, legado e tradições Hobsbawm, escreve “nada parece mais antigo e ligado a um passado imemorial¹⁰²”, porém não é com estranheza que muitas vezes sua “construção” remonte a um passado há pouco sucedido. Nesta linha desenvolve o que chama “tradições inventadas”, sendo:

... um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regra tácita ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam

102 HOBBSBAWM, Eric, TERENCE, Ranger (org.) A Invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p.9

inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado¹⁰³.

Estas “tradições inventadas” agem criando uma seqüência temporal “forjada” entre passado e presente. A modernidade é assinalada por grande inquietude, incessantes transformações e renovações, concebendo novas tradições, mas que muitas vezes são releituras de velhos modelos rearranjados visando novos resultados.

Como estilo o Metal, excedendo a dimensão arte musical, somente consegue se estabelecer mais concretamente, melhor delineado já no transcorrer da década de 1980. - este período por esse motivo cativa sentimentos de “Idade dos heróis”, momento glorioso, de maior popularidade do estilo. Para melhor entendimento sobre das “tradições inventadas” por essa tribo, elas são divididas em três classes:

a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, status ou relações de autoridade, e c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamento¹⁰⁴.

Partindo da primeira (a) já no capítulo passado, notamos que a estética foi de primordial relevância para a organização social das tribos. Com isso, atua como elemento de rejeição ou identificação, criando pontes que facilitam a socialização mesmo que de forma tensa. Ainda que esses elementos estéticos sejam dos mais variados, alguns “lideram” a “lista”, a camiseta preta com emblema de banda, assume quase o mesmo papel do uniforme para um operário. A camiseta figura como um testemunho ou confirmação de membro ativo dentro da cena, envergada orgulhosamente, quando usada por “Um” que não seja reconhecido entre os

103 HOBBSBAWM, Eric, TERENCE, Ranger (org.) A Invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p.9 construir uma imagem poderosa para si mesmo que, em verdade, não corresponde à realidade. É comumente associado, logo, a indivíduos e músicos de rock/metal que se importam muito mais com a aparência do típico “metaleiro” do que realmente viver fidedignamente o “heavy metal way of life”. Flavio Pereira Senra. HEAVY METAL, UMA NAÇÃO PÓS-MODERNA?

[http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/RL_11Heavy_Metal_Uma_Nacao_Pos_Moderna_FLAVIO_PEREIRA_SENRA_\(2\).pdf](http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/RL_11Heavy_Metal_Uma_Nacao_Pos_Moderna_FLAVIO_PEREIRA_SENRA_(2).pdf) acesso 14/02/2014 23:46

103 Entrevista concedida por Rogério Gomes, 36 anos, servidor publico, em junho de 2013.

104 Ibidem, p.17

“verdadeiros¹⁰⁵” recebem o estigma de posar¹⁰⁶ - as tradições e rituais tão caros aos metaleiros são encaradas com seriedade dentro da cena e para aqueles que tentam se inserir sem um mínimo de domínio de sua linguagem ou códigos de estilo, não passará pelo crivo daqueles que já foram provados, sendo considerado um “membro” inferior recebendo o estigma de posar sendo alvo de rejeição e agressividade. Portanto a camiseta sendo um ícone de reconhecimento tão importante funcionando como elemento visual inicial de socialização tem a faculdade de atribuir variados níveis de status, isso porque certas bandas conseguiram tal grau de aprovação e reconhecimento no interior e nas tradições da cena que o simples ato de trajar camisas com seus emblemas concede aprovação quase instantânea ao passo que outras podem conceder o imediatamente contrario, bandas como Saxon, Judas Priest, Metallica, Slayer e Iron Maiden são exemplos de bandas que recebem grau máximo de reconhecimento e todo objeto ligado a elas como que automaticamente adquire selo de aprovação.

“O fã de metal é muito fiel se realmente curti a banda ele veste a camisa literalmente, se envolve mesmo. Ao usar a camisa tenta deixar claro que se sente bem e se identifica com o som e a banda¹⁰⁷”.

Em termos históricos o Metal ainda “engatinha”, com pouco mais de 40 anos, mas, no interior de sua cultura vigora um sentimento que ele tão é glorioso e divino que é atemporal e diversas bandas a isso celebram em suas canções, “sem antecessores tornaram necessária a invenção de uma continuidade histórica, por exemplo, através da criação de um passado antigo que extrapola a continuidade histórica real seja pela lenda ou pela invenção¹⁰⁸” e uma das bandas que conseguem fazer isso com maestria tendo já aqui diversos trechos e canções suas

105 True termo é usado para identificar os headbangers legítimos, os metaleiros de verdade.

106 É importante frisar que esta tradução para o termo “posar” não soa tão apropriada, tendo em vista que o termo em inglês já foi assimilado no meio heavy metal em geral, mesmo em contextos onde esta não seja a primeira língua. O termo “posar”, altamente pejorativo, designaria alguém que vive apenas de “fazer pose”, de construir uma imagem poderosa para si mesmo que, em verdade, não corresponde à realidade. É comumente associado, logo, a indivíduos e músicos de rock/metal que se importam muito mais com a aparência do típico “metaleiro” do que realmente viver fidedignamente o “heavy metal way of life”. Flavio Pereira Senra. HEAVY METAL, UMA NAÇÃO PÓS-MODERNA?

[http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/RL_11Heavy_Metal_Uma_Nacao_Pos_Moderna_FLAVIO_PEREIRA_SENRA_\(2\).pdf](http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/RL_11Heavy_Metal_Uma_Nacao_Pos_Moderna_FLAVIO_PEREIRA_SENRA_(2).pdf) acesso 14/02/2014 23:46

107 Entrevista concedida por Rogério Gomes, 36 anos, servidor publico, em junho de 2013.

108 HOBBSAWM, Eric, TERENCE, Ranger (org.) A Invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p.15.

aqui transcritas é o Manowar sendo mestres na arte de criar hinos de louvor ao Metal nos “revela”:

No começo havia silêncio e escuridão/ Por toda a Terra/ Então veio o vento e um buraco no céu/ Trovão e relâmpago vieram estraçalhando/ Atingiram a Terra e racharam o chão/ O fogo queimou alto no céu. Das profundezas o fogo derreteu a rocha/ O chão tremeu e começou a pulsar. Os deuses fizeram o heavy metal/ E eles viram que era bom/ Eles disseram para tocá-lo mais alto que o inferno/ Nós prometemos que o faríamos/ Quando os perdedores dizem que é o fim/ Você sabe que é uma mentira/ Os deuses fizeram o heavy metal/ E ele nunca morrerá. Nós somos os verdadeiros fiéis/ É nossa vez de mostrar ao mundo/ No fogo do heavy metal nós fomos forjados/ É mais que a nossa religião/ É o único jeito de se viver/ Mas os inimigos do metal/ Nós não podemos perdoar. Nós acreditamos no poder e na força/ E os deuses que fizeram o metal/ Estão conosco esta noite...¹⁰⁹

Enraizado nesse discurso e tradição encontramos espaço para retomarmos a segunda (b)¹¹⁰ classe em que foi dividida visando melhor entendimento do que foi chamado “tradições inventadas” o Metal foi se consolidando e se desenvolvendo criando características semelhantes a emoções manifestadas através da religião, a banda Massacration com humor entoa:

Que tua força arrebente com todos os falsos/ Todos os posers e todos os safados/ Que em teu nome, ó pai, dizem ser teus servos/ Óh, Deus Meta/ Nos proteja com um riff fuderengo que ainda não veio/ E que há de ecoar informando a tua vinda/ gloriosa, ó pai/ E alimente os teus servos com o metal puro,/ O metal verdadeiro, o metal unigênito/ Que há de manter o teu poder pelos séculos dos séculos!/ Amém./ Abençoe-nos/ Óh, Deus Metal/ Todo poderoso guitarra, baixo e bateria cabulosa/ Amém/ Viva o Deus Metal!¹¹¹

Analisar a banda Massacration pode ser interessante, pois foi criada para que de forma humorística e caricata revelar os aspectos da cultura metaleira, nos pontos, por exemplo, a extrema devoção às bandas, o culto exagerado aos artistas, à

109 Manowar- The Gods made Heavy Metal

110 Ver nota 53

111 Massacration Oração ao deus metal

divinização da música o estereótipo machista, do Metal apenas para os fortes, os padrões de moda “obrigatórios” com as roupas em couro, cabelos cumpridos, adereços carregados de tarraxas e espetos, a camisa de banda preta (cinza pelo tempo de uso) enfim de forma exagerada, brincam com os dogmas do Metal¹¹².

O caráter religioso, dogmático a “fé” e criação de um deus metal é interessante sob o ponto de vista em que a conduta extremamente materialista predominante na modernidade acaba criando uma demanda por elementos espirituais, “não podendo mais o físico ser compreendido sem metafísica, a corporeidade só adquire sentido em função da mística¹¹³” sendo este um fenômeno característico da pós-modernidade esta que não supera completamente elementos da modernidade, mas atua revitalizando-os, renovando-os – sob este aspecto:

Não é neutro, a esse respeito, ver como, de uma maneira geral, especialistas em informática, muito competentes em seu domínio, possam ser ao mesmo tempo, adeptos arrebatados da New Age, praticar parapsicologia ou se interessar por medicinas alternativas. E o que acabo de dizer para a informática pode se aplicar a muitos outros domínios, bastante característicos de nossa época¹¹⁴.

Mesmo não sendo propriamente uma religião o Metal de certa forma consegue suprir essa demanda criada por uma modernidade exageradamente pragmática. O Metal serve bem a esta demanda, pois por natureza recusa-se a submissão e suscita resistência a se entregar completamente a um modelo completamente industrial e comercial como o reinante na modernidade, pois preza ao menos no discurso por uma produção mais pessoal e artesanal, a exemplo como já dito anteriormente é grande o número de bandas que buscam masterizar seus discos em gravadoras amadoras, muitas vezes por falta de oportunidade em gravadoras profissionais, mas também por vezes gravando em estúdios caseiros fogem das pressões por posturas mais comerciais feitas por parte dos grandes

112 Ironicamente o machismo metaleiro. Rob Halford, de extrema influência para estabelecer e criar a “moda” metaleira referente ao couro, aos spikes, corte de cabelo, calçado etc, muitas vezes no meio metaleiro elevado ao panteão dos deuses do metal se revela homossexual. Mais em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u466598.shtml> e http://whiplash.net/materias/news_898/061848-judaspriest.html

113 MAFFESOLI, Michel. A Contemporaneidade do Mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed. 1995. p.31

114 Ibidem, p.43

selos, somando a este exemplo há um certo movimento dentro da cena discursando para um retrocesso nas técnicas produtivas em favor do retorno das gravações em fitas K7 mas principalmente retorno ao disco de vinil, pois como já mencionado foi durante a década de 1980 que o Metal teve sua fase áurea, sendo assim existe um desejo de reavivar e eternizar os padrões lá surgidos, motivo pelo qual é resistente em aceitar mudanças que o afaste muito da formatação surgida no seu período de maior vigor criativo. Em vertentes como o Death e o Black Metal que vem se tornando com o passar do tempo cada vez mais radicalmente puritano, algumas bandas repudiam até mesmo se tornarem populares mesmo dentro da cena Metal, algumas bandas originadas nesta vertente conseguindo alcançar maior reconhecimento popular e comercial são execradas, tidos como traidores por utilizar uma sonoridade mais “técnica” se distanciando mesmo que parcialmente do som nascido nos anos 80 com bandas referencia como Venom e Possessed.

Conseguir notoriedade em meios de comunicação de massa caso não tenha provado seu valor dentro do circuito do Metal significará quase que instantaneamente em perda de prestígio entre os fãs mais antigos, pois “convida” estranhos a se integrar a tribo aumentando o numero de posers.

3.3 Traduzindo as tradições

No capítulo anterior discutiu-se sobre o conceito a cerca da identidade individual ter se exaurido e “a identidade única, identidade sexual, profissional, ideológica, deu lugar a uma série de identificações sucessivas (...) as identificações sucessivas, que se podem empiricamente observar, são apenas a expressão dessa multipersonalidade, cujas características estão mais ou menos cristalizadas para o que é um indivíduo (...)”¹¹⁵.

Entretanto, seu efeito geral permanece contraditório. Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de "Tradição", tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. Outras aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias ou "puras"; e essas,

115 MAFFESOLI, Michel. A Contemplação do Mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed. 1995. p.75 - 319

conseqüentemente, gravitam ao redor daquilo que Robins (seguindo Homi Bhabha) chama de "Tradição"¹¹⁶.

Nos questionamentos levantados com base no conceito de "tradições inventadas" percebe-se como a identidade no Metal busca sustento nas tradições. Por outro lado afirmar a existência de uma identidade vinculada ao Metal cria um paradoxo, pois rótulos em geral não são bem acolhidos por todos aqueles que se identificam com o estilo.

Chamar um headbanger de "metaleiro" era grave ofensa! Segundo a doutrina from hell, metaleiros eram os novos convertidos, pós-Rock in Rio, que entraram na onda depois de Whitesnake, Scorpions, AC/DC, Ozzy Osbourne e Iron Maiden tocarem na Cidade do Rock. Os verdadeiros discípulos do Deus Metal eram os que empurravam a roda do gênero antes disso, quando qualquer pessoa de bem trocava de calçada ao deparar com um cabeludo, de roupa preta, calça apertada e tênis branco de cano alto andando despreocupado pela rua.¹¹⁷

Retomando a questão do efeito contraditório entre identidade e tradição, podemos julgar que a identidade na pós-modernidade se exprime por uma série de identificações sucessivas. Os motivos para tal fenômeno são inúmeros, e a casos em que alguns elementos criam uma dualidade por assumirem aspecto tanto de causa quanto de consequência. Um desses elementos nos servirá bem como exemplo, apontado por Stuart Hall seria a globalização e seu efeito pluralizante sobre as identidades.

"Como conclusão provisória, parece então que a globalização tem, sim, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e "fechadas" de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de

116 HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 6ª edição, 2001.
<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/hall5.html> acesso 03/02/2014 08:56

117 Yes, nós temos metal Texto Luiz Cesar Pimentel <http://super.abril.com.br/cultura/yes-temos-metal-445252.shtml> acesso 03/02/2014 09:47

identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas¹¹⁸.

Como reiterado a exaustão dos modelos sócio-econômicos que cumpriam importante papel na definição das identidades na modernidade, possibilitou o surgimento de interações sociais diferenciadas, norteadas pela busca de satisfação imediata, pela contemplação estética e pela emoção compartilhada. Estas interações e suas buscas entram em choque a lógica de identidade que imperava na modernidade:

O particular, o individual se apaga, para dar lugar ao 'tipo', ao típico, ao qual as pessoas se agregam, mas que, ao mesmo tempo, lhes dá vida. Ao participar, no sentido místico do termo, deste ou daquele 'tipo' musical, esportivo, religioso ou político, ao copiar, às vezes macaqueando, tal homem político, tal cantor ou tal guru, que melhor representa esse 'tipo', cada um se integra em um conjunto que lhe permite, ao mesmo tempo, viver e entrar em correspondência com os outros. Em uma tal perspectiva, a autonomia do sujeito, mestre e senhor de si mesmo, cai em desuso. Também sua identidade forte fissa-se em várias partes. Pelo contrário, emerge uma identificação, que faz de mim um ser heterônomo, alguém que só existe pelo e graças ao outro¹¹⁹.

Concomitante com a lógica da identidade, a concepção temporal é reorganizada:

O que parece ser o fato mais espantoso sobre o pós-modernismo: sua total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico que formavam uma metade do conceito baudelairiano da modernidade. Mas o pós-modernismo responde a isso de uma maneira bem particular; ele não tenta transcende-lo, opor-se a ele e sequer definir os elementos 'eternos e imutáveis' que poderiam estar contidos nele. O pós-modernismo nada, e até se esboja, nas fragmentárias e caóticas correntes da mudança, como se isso fosse tudo o que existisse. Na medida em que não tenta legitimar-se pela

118 HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. In <http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/hal15.html> acesso 30/02/2014 10:49

119 MAFFESOLI, Michel. A Contemplação do Mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed. 1995. p.78

referência ao passado, o pós-modernismo tipicamente remonta à ala do pensamento, a Nietzsche em particular, que enfatiza o profundo caos da vida moderna e a impossibilidade de ligar com ele com o pensamento racional¹²⁰.

As tradições inventadas tentam estabelecer uma continuidade temporal casando-se bem com a idéia de que “a identidade pessoal é forjada por meio de certa unificação temporal do passado e do futuro com o presente que tenho diante de mim” (...) “somente em termos de um tal sentido centrado de identidade pessoal podem os indivíduos se dedicar a projetos que se estendem no tempo ou pensar de modo coeso sobre a produção de um futuro significativamente melhor do que o tempo presente e passado¹²¹” integrando-se precisamente ao panorama que temos em construção.

Se identidade e a continuidade temporal relacionam-se entre si de forma interdependentes, criando uma nova lógica para identificações, o termo tradições se torna obsoleto, e outro é proposto em contraposição, Stuart Hall propõe que as identificações girariam em torno de traduções, que, diferente das tradições, buscariam atualizar identidades que se pretendem “unitárias ou puras”:

Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de “Tradição”, tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. Outras aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias ou “puras”; e essas, conseqüentemente, gravitam ao redor daquilo que Robins (seguindo Homi Bhabha) chama de “Tradução”¹²².

A devoção radical que invade o discurso dos defensores das pretensas tradições do Metal se torna interessante se levarmos em conta que radicalizações em um modelo visando sua proteção podem ter efeito contrario acelerando seu declínio. Por exemplo, a desintegração do regime socialista soviético, provoca à radicalização de alguns partidos políticos que se apreçam em trazerem reeleituras

120 HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 6ª edição, 2001. p.49

121 Ibidem, p. 56 e 57.

122 Ibidem, p. 87

mais extremistas ou fundamentalistas dos textos de Marx e Lênin ou como os fundamentalistas islâmicos, que frente a ameaças de sincretismo cultural possibilitada pela globalização, recorrem à violência das armas para se manter, impondo um regime amparado em releituras e re-interpretações dos fundamentos religiosos islâmicos, num arrocho doutrinário comprável ao mesmo praticado nos tempos de Maomé. Em sua incapacidade de resistir a segmentações ou manter uma identidade unitária e coesa, dentro do Metal surgem agrupamentos radicais, fundamentalistas¹²³, que se voltam e endurecem as tradições aprofundando conexões com o passado a fim de justificar atitudes no presente em auxílio ao futuro, objetivando a infinidade da “cena” ou para resguardar o “esplendor” do metal. Esta radicalização, embora seja levada a sério por alguns, na prática é insustentável e acaba tendo efeitos adversos, pois entre outros, acaba por torná-los alvos de críticas ou chacotas.

O uso do termo tradução em contraponto ao termo tradição se mostra mais adequado, pois tradução consegue melhor exprimir, e abarcar as especificidades dos estilos pós-modernos. Ou seja, por exemplo, bandas de Metal que foram surgindo após 1970 ainda logicamente seguiam pela mesma estrada de suas antecessoras, porém não de forma idêntica, faziam suas leituras do estilo seguindo é claro preceitos básicos do estilo porém fazendo suas modificações, incutindo elementos particulares e somando-se a isso os avanços tecnológicos iam propiciando novas possibilidades que se pensados anteriormente não poderiam ser colocados em prática. É seguindo por essa linha de pensamento que faz sentido falar-se em tradução onde antes se usaria tradição, pois o estilo funciona como um pano de fundo comum ao qual novos elementos vão sendo adicionados, criando pequenas “cenas” dentro de um todo maior. Em outras palavras seria como tentar a reprodução de um poema em línguas diferentes, por mais que se esforce para manter a fidelidade ao original dificilmente isso é possível, teremos um texto que

123 O músico de black metal e simpático ao neo-nazismo, Kristian “Varg” Vikernes foi preso e colocado sob custódia na região de Corrèze, na França, nesta terça, de acordo com a rádio local RTL.

A polícia suspeita que o norueguês planejava um “massacre” e atualmente busca em sua casa por mais armas e explosivos. Sua esposa, uma cidadã francesa e membro de um clube de atiradores, recentemente adquiriu legalmente quatro rifles.

O promotor anti-terror foi posto no comando da investigação.

Vikernes, o homem por trás da banda Burzum, passou 21 anos na cadeia – a sentença máxima na Noruega – pelo assassinato de Øystein Aarseth, conhecido como Euronymous, guitarrista da banda de black metal Mayhem.

Vikernes, que também foi ligado à queima de quatro igrejas, foi posto em liberdade em maio de 2009.

http://whiplash.net/materias/news_825/183927-burzum.html acesso 03/01/2014 15:44

poderá conter a essência, mas algo sempre será perdido durante o processo de tradução, e no caso do Metal e das bandas de Metal, muitas vezes seu desejo é manter um legado, mas nem mesmo por isso serem meras cópias, ou seja, fazem releituras, traduções do estilo criado anteriormente¹²⁴.

3.4 Sincretização cultural e musical

Jonathan Culler teórico da literatura escreve, “obras são feitas a partir de outras obras: tornadas possíveis pelas obras anteriores que elas retomam, repetem, contestam, transformam¹²⁵.” Isso vem de encontro ao que temos trabalhado, pois a miscelânea cultural pauta a inclinação pós-moderna ao descontínuo, a fragmentação e desordem, isto não é apenas reflexo da expansiva e acelerada globalização de nosso tempo. O raciocínio pós-moderno tracejado pelo desconstrucionismo¹²⁶ que aludem a questão também encontrada em Culler da intertextualidade que seria a produção de textos, baseados na assimilação e metamorfose de outros textos. E seguindo por essa linha de raciocínio facilmente conseguimos encaixá-lo ao presente texto.

Escritores que criam textos ou usam palavras o fazem com base em todos os outros textos e palavras com que deparam, e os leitores lidam com eles do mesmo jeito. A vida cultural é, pois, vista como uma série de textos em intersecção com outros textos, produzindo mais textos. Esse entrelaçamento intertextual tem vida própria; o que quer que escrevamos transmite sentidos que não estavam ou possivelmente não podiam estar na nossa intenção, e nossas palavras não podem transmitir o que queremos dizer. É vão tentar dominar um texto, porque o perpétuo entretecer de textos e sentidos está fora do nosso controle; a linguagem opera através de nós¹²⁷.

124 Melhor exemplificando a banda sueca de doom metal chamada Ghost em muito se inspira em bandas que usam bastante a imagem como forma de chamar atenção e chocar, bandas como Marilyn Manson, ou mesmo antes Alice Cooper, ou seja, fazem uma releitura, uma tradução e compõem seus estilos.

125 CULLER, J. Teoria literária: uma introdução. São Paulo: Beca Produções Culturais LTDA, 1999. In. http://www.escrita.com.br/leitura.asp?Texto_ID=14898 acesso 05/02/2014 09:26

126 Caracterizada pela fragmentação, pelo processo não linear, pela manipulação das idéias da superfície das estruturas ou da aparência, pelas formas não-retilíneas

http://textoterritorio.pro.br/alexandrefaria/recortes/cult_fortunacritica_5.pdf acesso 05/02/2014 10:14

127 HARVEY, David. Condição pós-moderna. 5a Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1992. p.54

Ante a produção artística semelhante fenômeno ocorre, sob a perspectiva musical:

O pós-moderno enterra as velhas polaridades: novo ou velho; nacional ou universal; socialista ou capitalista; isto ou aquilo. O maniqueísmo estético é substituído por um continuum, uma simultaneidade ou superposição de signos de natureza diferente, independentemente de serem novos ou velhos. O compositor reassume seu compromisso com a comunicação da obra de arte, isto é, a obra apenas faz parte de um ciclo artístico mais amplo que começa com o produtor (o artista), passa pelo produto (a obra) e chega ao consumidor (o público). Corresponde à nova alegoria metonímica da literatura pós-moderna. Por exemplo, o jazz ou o choro poderão ser absorvidos pela música de concerto, sem perder seu referencial signico, embora estejam num novo contexto. Se, ao contrário, o jazz ou o choro forem o contexto, com interferências vanguardistas, então não se tratará de música pós-moderna, mas música “neo alguma coisa”, com “decorações” vanguardistas. Em outras palavras, na música pós-moderna o signo (velho) aparece numa forma ou num contexto novo¹²⁸.

Amparados pelo que temos dito até agora consideramos o Metal, como manifestação e arte essencialmente pós-moderno, pois temos como seu pai o Rock'in'roll e avôs, o jazz e o blues. O valor constitutivo de seus antecessores (rock, Jazz, Blues) é patente, já que o Metal herdou destes os ritmos harmônico, as praticas vocais, as escalas pentatônicas do blues, entre vários outros elementos. Portanto é certo que em suas origens o Metal não responde a um único estilo. Sendo cria artística fundamentalmente pós-moderna, o Metal é fruto de união entre diversos elementos, retirados de diversas culturas e épocas, reorganizados de tal forma a originar uma, musica e cultura singular.

Neste ponto encontramos um bom espaço para um interessante adendo, entre a tríade, fonte geradora do Metal, (Black Sabbath, Deep Purple, Led Zeppelin), enquanto o Black Sabbath e Tony Iommi revolucionam utilizando o chamado “tritono

128 Ricardo Tacuchian - Sistema-T e pós-modernidade pág. 385 In.
<http://www.musica.ufjf.br/ppgm/rbm/edicoes/rbm24-2/rbm24-2-07.pdf> acesso 05/02/2014 11:27

do diabo¹²⁹”, ainda no final da década de 1960, o Deep Purple, e o lendário guitarrista, Ritchie Blackmore, introduz habilmente elementos da música clássica ao Metal. Declarando ser admirador de Jimi Hendrix e de Richie Blackmore, fundindo-os com Bach, Vivaldi e Paganini, o extra-virtuoso guitarrista Yngwie Malmsteen¹³⁰ eleva o nível de velocidade e habilidade no manuseio com a guitarra a patamares extremos, junto a eles guitarristas como John Petrucci, Steve Vai, Joe Satriani, Roland Grapow entre outros – muito influenciados pela música clássica elevam a velocidade ao tocar guitarra a “velocidade da Luz”. O uso de influências clássicas no Metal, levando-as a um novo extremo e criando uma técnica singular de tocar guitarra. A velocidade com que conseguem executar seus solos é sombria, inserindo em suas músicas técnicas e elementos de compositores como Bach, Vivaldi e Paganini, criaram uma verdadeira agitação dentro do metal – a competição era por quem conseguia fazer mais notas por segundo. São responsáveis pela criação do termo guitar hero, termo inclusive que deu nome a um popular jogo de vídeo game em que pessoas comuns poderiam viver a emoção de executar solos complexos mesmo sem nunca terem pegado em uma guitarra de verdade.

Estas misturas e apropriação de elementos como acima mencionados nos ajuda a clarear ainda mais a preferência pelo termo tradução em detrimento ao termo tradição. A absorção e re-configuração de elementos característicos aplicados em diferentes contextos, os transformando, originam obras inéditas, mas que são releituras e traduções, não podendo ser consideradas tradição, pois tradição da ideia de continuidade e imutabilidade. Michel Maffesoli ainda ressalva:

“não é nítida a transição entre estilos [...]. Na verdade, há contaminações, superposições [...] O próprio de um estilo particular é ser heterogêneo, e até mesmo repousar sobre tendências contraditórias”. Nesse sentido, podemos compreender a Pós-modernidade, através da combinação do arcaico com o tecnológico. Assim, há uma espécie de sincretismo, inerente ao seu caráter, uma mistura de gêneros, “na reutilização multiforme de elementos dos ‘bons e

129 Tritono do Diabo na idade média a Igreja Católica proibia o uso do intervalo SI-FA por gerar um tritono, uma dissonância que na época era considerada demoníaca. O intervalo de tritono era conhecido como "diabolus in musica" <http://www.revistanine.com.br/Materia/detalhes/628/CULTURA> e

http://whiplash.net/materias/curiosidades/064399-slayer.html#UvfPXW2Gf_o acesso 09/02/2014 17:03

130 Malmsteen: Slash, Vai, Satriani e Wylde falam do guitarrista

http://whiplash.net/materias/news_826/181218-yngwiemalmsteen.html acesso 06/02/2014 02:08

velhos tempos’’. Em síntese, a interação entre estilos leva a um modo global, que se torna um conjunto de formas características¹³¹.

O ímpeto e desejo por se manter sempre em movimento, sempre se reinventando é sem duvida uma característica marcante do Metal. Em 1999 o Metallica lança um disco excepcional ganhando o Grammy Awards Best Rock Instrumental em 2001, com S&M o Metallica regrava suas canções acompanhados pela Orquestra Sinfônica de São Francisco aumentando ainda mais o leque de inovações constantes ocorridas no Metal, o álbum mesmo não sendo o primeiro do tipo se torna referencia nesta tendência de bandas de metal tocando ao lado de orquestras. Indo ainda mais além a banda Sinfony X lança um disco inteiro baseado na Odisséia de Homero com canções divididas em atos a exemplo do ocorrido nos teatros¹³². Essa predisposição para se auto reinventar parece não conhecer limites e além dos instrumentos tradicionais, vários outros instrumentos vão sendo utilizados – a banda Stratovarius¹³³ faz a introdução da canção Black Diamond ao som de cravo (instrumento musical), outro exemplo a banda Apocalyptica que tem como integrantes três violoncelistas. Bandas como Lacuna Coil, Nightwish e Epica, adicionam vocais femininos cantando num estilo lírico, se aproximando de um espetáculo de opera.

131 MAFFESOLI, Michel. A Contemplação do Mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed. 1995. p.26-27 In. Tese de mestrado REVISTAS VEJA E ÉPOCA: UM OLHAR COMPLEXO
<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/2202/1/000445031-Texto%2BCompleto-0.pdf> 06/02/2014 03:04

132 Sinfony X album The Odyssey. Faixas 1."Inferno (Unleash the Fire)" – 5:32/ 2."Wicked" – 5:30/ 3."Incantations of the Apprentice" – 4:19/ 4."Accolade II" – 7:54/ 5."King of Terrors" – 6:16/ 6."The Turning" – 4:44/ 7."Awakenings" – 8:18/ 8."The Odyssey" – 24:14 1."Part I - Odysseus' Theme/Overture"/ 2."Part II - Journey to Ithaca"/ 3."Part III - The Eye"/ 4."Part IV - Circe (Daughter of the Sun)" / 5."Part V - Sirens"/ 6."Part VI - Scylla and Charybdis"/ 1.a) "Gulf of Doom"/ 2.b) "Drifting Home"/ 7."Part VII - The Fate of the Suitors - Champion of Ithaca"/ 9."Masquerade '98" – 6:01/ 10."Frontiers" – 4:50.
[http://pt.wikipedia.org/wiki/The_Odyssey_\(%C3%A1lbum_de_Symphony_X\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/The_Odyssey_(%C3%A1lbum_de_Symphony_X)) acesso 06/02/2014 04:41 Album todo gravado no estúdio montado na casa de um dos integrantes, reforçando ainda mais o que já havíamos dito sobre bandas que fogem da influência das grandes gravadoras para produzirem seus discos em estúdios particulares.

133 A banda adota o nome que iria imortalizar, Stratovarius, que segundo Tuomo Lassila é uma mistura do modelo Stratocaster da Fender com a famosíssima marca de violinos Stradivarius
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Stratovarius> acesso 06/02/2014 04:53



134



135

135 Lacuna Coil 1º) www.camisetascaetano.com.br/loja/product_images/q/840/goth0251_03911_zoom.jpg 2º) http://4.bp.blogspot.com/-QCZHTLGWql8/TZV-exo8nmI/AAAAAAAAAPQ/J5aQxrQyA-k/s1600/Cristina-Scabbia_Rockgle.jpg 09/02/2014

136



136 Nightwish 1°) http://www.bubblews.com/assets/images/news/103952511_1391111978.jpg 2°)
<http://rocknoize.com.br/wp-content/uploads/2013/12/nightwish.jpg> 3°)
http://www.nightwish.com/gallery/albums/121127_promo/Nightwish_c_Ville_Juurikkala-6260.jpg 09/02/2014



137

137 Epica 1º) <http://images2.fanpop.com/images/photos/3900000/epica-epica-3931506-1024-768.jpg> 2º)
<https://sowt.com/https://sowt.com/assets/uploads/4ffc0eaaecb62b0d6d000004/img28a72c5f56a08fe2d853777950e7421-800x0.jpg> acesso 09/02/2014

Fato digno de atenção e nos faz perceber que, utilizar instrumentos e técnicas basicamente pertencentes a musica clássica, como o violino, cravo, violoncelo, flauta etc. Ao serem incorporados pelo Metal faz com que a imagem tanto de um quando de outro se renove, pois de um lado (musica clássica) instrumentos como estes que muitas vezes são taxados como chatos ou arcaicos acabem recebendo novo fôlego e vitalidade quebrando preconceitos e introduzindo os instrumentos, técnicas e elementos a indivíduos que talvez de outra forma jamais teriam contato com a musica clássica, do outro lado (Metal) implica à sua persona ar de maior seriedade e austeridade, o eleva algumas posições no ranking de prestígio cultural.

Além do maior prestígio e respeito adquirido pelo Metal por se unir a elementos da musica e cultura clássica nos faz retomar a questão das identidades. O entrelaçamento entre passado e presente é novamente reforçado, pois se edifica outra ponte que se finca ideologicamente a uma tradição. Caso coloquem em xeque a origem divina do metal ou negarem o potentado da década de 1980, o Metal cria outra via de escape, pois se coloca como “herdeiro e guardião” das tradições e legados deixados pela música clássica. Isto reflete diretamente sobre a produção atual, pois a justifica, mas cria também expectativas futuras, já que essa tradição clássica deve perdurar, e o Metal cumpriria esse papel.

Ao menos no ideário, geralmente a música clássica (e até mesmo outros gêneros musicais), estão em um patamar superior, recebe melhor conceito e prestígio quando comparada a música popular, comumente sobre a musica apreciada pelas massas repousa um espectro de vulgaridade, trivialidade ou plebeidade. “A audição da música popular é manipulada não só por aqueles que a promovem, mas, de certo modo, também pela natureza inerente dessa própria música, num sistema de mecanismos de resposta **totalmente antagônico ao ideal de individualidade numa sociedade livre, liberal**¹³⁸”. Talvez devido não ao fato da música popular possuir um nível técnico ou uma complexidade inferior comparada a musica clássica. Pois o jazz por expor vezes seguidas apresenta grau de complexidade maior que a música clássica, mas talvez devido o fato da música popular¹³⁹ seguir, padrão e regra estandardizada¹⁴⁰, ou seja, segue uma fórmula e

138 ADORNO, Theodor W. Sobre Música Popular. In: COHN, Gabriel (org.). Sociologia. São Paulo: Editora Ática, 1986. p.120.

139 Na ficção criada por George Orwell no livro 1984 sobre musica ele escreve: “... para o proletariado. Havia toda uma série de departamentos autônomos que tratavam de literatura, música, teatro e divertimentos proletários

estrutura predeterminada – chamado de “efeito chiclete”, “que faz você ficar repetindo incansavelmente as canções que mais “grudam” na memória¹⁴¹ – “o todo musical é preestabelecido, previamente aceito, antes mesmo de começar a real experiência da música¹⁴²”. Assim de certa forma existe uma hierarquia musical em que a musica “séria” esta acima da música popular. Já que a musica “séria” “consiste na viva relação entre os detalhes, mas nunca na mera imposição de um esquema musical¹⁴³”.

“Já na musica popular, a posição é algo absoluto, o detalhe é substituível e o ouvinte inclina-se a reações mais fortes para a parte que para o todo. Sua captação do todo não reside na experiência viva dessa peça concreta de musica... **O todo é preestabelecido e previamente aceito antes mesmo de começar a real experiência da musica**; por isso parece não influenciar a reação dos detalhes, exceto em conferir-lhe graus de ênfase¹⁴⁴”.

A primeira e mais óbvia característica de toda a música popular é que ela é entretenimento, (...) Não obstante, o entretenimento está em seu próprio âmago. Míope e narcisista, o pop é orientado ao redor do prazer musical, baseado na extravagância e capricho individualista, em lugar do mérito e valor musical objetivo. Não importa quão veementemente as pessoas neguem isto, o pop entretém. E é por isto que ele existe. Os músicos populares sabem disto e prontamente planejam suas interpretações para serem frívolas, se não tolas. Esta música divertida, com seu bombardeio constante de tolice musical, tende a transformar o ouvinte à sua própria imagem, um resultado que eventualmente pode vir a ser qualquer coisa, menos “divertido”. Outra vez,

em geral. (...) eram uma das músicas se, conta, publicadas para os proles, por uma sub-seccção do Departamento de Música. As letras eram compostas, sem intervenção humana, num instrumento chamado versificador. pag 32 - 140 Theodor Adorno introduz o conceito de “estandardização” que, ao enquadrar a forma, estiliza o conteúdo, fracionando suas partes de maneira que estas adquiram significado independente do todo, isto é, tenham um sentido em si, separado da totalidade da forma. ... a estandardização estrutural busca reações estandardizadas; em outras palavras, a música popular é manipulada por aqueles que a promovem de tal maneira que seus ouvintes, ao ouvi-la, enquadram-na em estruturas subjetivas estereotipadas pré-existentes, de forma que facilite a compreensão e conseqüente aceitação. Fabiano Leite França Fetichismo E Decadência Do Gosto Musical Em Adorno In. www.ufsj.edu.br/portal2.../4.../fabiano_franca_mandar_corrigido.pdf Acesso 09/02/2014 19:04
141 <http://hypescience.com/musica-chiclete-saiba-porque-algumas-musicas-nao-saem-de-nossa-cabeca/> acesso 09/02/2014 18:16

142 ADORNO, Theodor W. Sobre Música Popular. In: COHN, Gabriel (org.). Sociologia. São Paulo: Editora Ática, 1986. p.117.

143 Ibidem, p.117.

144 CAMPOS, Maria do Carmo. A matéria prismada: o Brasil de longe e de perto & outros ensaios/ Maria do Carmo Campos. - Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999. pg 253 A matéria prismada: O Brasil de longe e de perto & outros ensaios In. books.google.com.br/books?isbn=8528004929 acesso 09/02/2014

quer seja descontraída, alegre, informal, louca, selvagem, secular ou cristã, a música popular tem, pelo menos, algo em comum – ela entretém. A composição musical popular assegura que seja assim. O entretenimento ocorre quando a música é composta destituída de razão musical. Harmonia, melodia, ritmo e timbre são moldados para serem divertidos e visceralmente estimulantes. Sem a profundidade teórica, o pop utiliza uma construção que é vazia do pensamento musical sério. É unilateral, exigindo do ouvinte muito pouco na questão do investimento intelectual. Doce, azedo, sentimental, ou beligerante, é o pop derramado sobre o ouvinte com o abandono da alegria. Seu propósito, sua *raison d'être*, é divertir¹⁴⁵.

A na tribo metaleira da mesma forma conceito e separação entre música “séria” e música das massas pois os membros desta se envolvem com a musica de um modo mais particular ela é algo maior que um simples passa tempo – dizem em seu meio “é uma cultura um modo de vida”. Pela mesma linha de raciocínio a música clássica não se reserva para a “plebe” ou o proletário, pois demanda certo entendimento musical para apreciada, fato semelhante ocorre no Metal, pois exige que se demonstre conhecimentos específicos e envolvimento com sua cultura e meio para compreendê-lo e apreciá-lo de forma mais ampla.

Como afirmado o Metal absorve princípios da música clássica, e isso desenvolve e acresce sua tradição concede maior prestígio e respeitabilidade. Porém na mesma medida é herdeiro do rock in roll, jazz e blues, estilos modernos, que foram taxados, marginalizados, considerados musica da ralé em um dado momento. Fruto disso temos um fenômeno interessante, pois o Metal consegue transitar entre mundos, incorpora elementos eruditos e populares e dos dois se beneficia. Tendo isso em mente se torna tarefa ingrata demarcar fronteiras, pois elas se fundem em traduções pós- modernas, ou seja, como já escrito, “obras são feitas a partir de outras obras: tornadas possíveis pelas obras anteriores que elas retomam, repetem, contestam, transformam” já que elas se apresentam “traduzidas” na cena pós-moderna.

(...) assim como não funciona a oposição abrupta entre o tradicional e o moderno, o culto, o popular e o massivo não estão onde estamos habituados

145 Samuele Bacchiocchi O CRISTÃO e a MÚSICA ROCK Um Estudo dos Princípios Bíblicos da Música pag. 277 In. https://www.academia.edu/3354241/O_Cristao_e_a_Musica_Rock acesso 09/02/2014 19:45

encontrá-los. É necessário demolir essa divisão em três pavimentos, essa concepção em camadas do mundo da cultura, e averiguar se sua hibridação pode ser lida com as ferramentas das disciplinas que os estudam separadamente: a história da arte e a literatura que se ocupam do “culto”; o folclore e a antropologia, consagrados ao popular; os trabalhos sobre comunicação, especializados em cultura massiva. Precisamos de ciências sociais nômades, capazes de circular pelas escadas que ligam esses pavimentos. Ou melhor: que redesenhem esses planos e comuniquem os níveis horizontalmente (CANCLINI, 1998, p. 19) ¹⁴⁶.

Na pós-modernidade, moderno e o antigo são traduzidos originando novas culturas. Então sabemos que o Metal se compõe por elementos que passam por esferas que vão do tradicional ao moderno, do erudito ao popular¹⁴⁷.

Os meios de comunicação eletrônica, que pareciam destinados a substituir a arte culta e o folclore, agora os difundem maciçamente. O rock e a música “erudita” se renovam, mesmo nas metrópoles, com melodias populares asiáticas e afro-americanas... Qualquer um de nós tem em casa discos e fitas em que se combinam música clássica e jazz, folclore, tango e salsa, incluindo compositores como Piazzola, Caetano Veloso e Rubén Blades, que fundiram esses gêneros cruzando em suas obras tradições cultas e populares. (Canclini, 1997, p. 18).¹⁴⁸

São vários os exemplos em que a música popular é traduzida e serve como inspiração para o Metal. A Irlanda tem grande tradição na vertente chamada de Folk Metal ou Celtic Metal como exemplo, citamos a banda irlandesa Cruachan¹⁴⁹, outro

146 UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ MESTRADO EM LETRAS: LINGUAGENS E REPRESENTAÇÕES. RITA LÍRIO DE OLIVEIRA. EUCLIDES NETO: construtos de identidade cultural grapiúna. Pag. 9 nead.uesc.br/arquivos/Letras/tcc_2/modelo_projeto_de_pesquisa.pdf acesso 09/02/2014 20:42
 147 Sepultura 1984 o álbum "Roots traz uma sucessão de temas brutais ao longo de suas 15 faixas, todas elas constituindo um trash/groove-metal até então nunca visto sendo praticado por banda nenhuma, pois unia temas brasileiros como músicas indígenas, baião e maracatu à fórmula pesada usada por gente como Slayer, Anthrax e Metallica, fazendo assim uma bela alusão ao seu título. O resultado desta união é a música que garantiu identidade própria ao Sepultura, além de um lugar entre estas supracitadas bandas como uma das maiores do mundo no estilo." <http://criticaanalise.blogspot.com.br/2010/07/cds-classicos-sepultura.html> acesso 09/02/2014

148 Mídias, músicas e escola: a articulação necessária pag. 77

www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/.../revista16_artigo9.pdf acesso 09/02/2013 21:11

149 <http://www.cruachanireland.com/> acesso 09/02/2014

bom exemplo esta oriunda de nossas terras tupiniquins é a Tuatha de Danann¹⁵⁰ – da Grécia de forma interessante a Rotting Christ¹⁵¹, mistura mitologia grega a uma postura satanista característica ao Black Metal – da Suécia a banda Amon Amarth¹⁵² inspirada na cultura e folclore viking esta entre expoentes da vertente chamada Vinking Metal, estes são poucos dos inúmeros exemplos que se poderia citar sobre artistas e bandas que se valem de uma interessante mistura entre folclore, historia, mitologia e Metal, ou seja com releitura de tradições antigas as traduzem em algo novo e pós-moderno.

3.5 Saideira

Tradução. Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nem nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, várias “casas”. As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural ‘perdida’ ou de absolutismo étnico. Elas são irrevogavelmente traduzidas. A palavra tradução, observa Salman Rushdie, “vem, etimologicamente, do latim, significando “transferir”, transportar entre fronteiras¹⁵³”.

150 A banda mineira de Varginha, Tuatha de Danann, iniciou suas atividades em 1995 sob o nome de Pendragon, com o intuito de fazer um som sem rótulos, mesclando o Heavy Metal com a música celta e medieval. Tuatha de Danann - Biografia Oficial http://whiplash.net/materias/biografias/042020-tuathadedanann.html#.UvgOgW2Gf_o acesso 09/02/2014

151 <http://www.rotting-christ.com/home/> acesso 09/02/2014

152 <http://amonamarth.com/> acesso 09/02/2014

153 HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 6ª edição, 2001. p.88-89In. http://books.google.com.br/books?id=4TcuzSIYB9cC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbg_summary_r&cad=0#v=onepage&q=Tradu%C3%A7%C3%A3o.%20Este%20conceito%20descreve%20aquelas%20forma%C3%A7%C3%B5es%20de%20identidade%20que%20atravessam%20e%20int

Acreditamos ser necessário ampliar a utilização da perspectiva acima descrita, no sentido que, na pós-modernidade, não são unicamente os estrangeiros indivíduos traduzidos, mas sim todos os indivíduos sem exceção, pois o movimento de globalização a todas as culturas atinge e transforma em culturas híbridas.

Frente a esta constatação refletimos sobre até que ponto cotidianamente nos envolvemos em embates com diferentes culturas que a todo momento inundam “nossa terra natal”. É uma negociação diária e, dificilmente nesses tempos (de globalização acelerada por meios de comunicação super rápidos) podemos apontar identidades ou tradições livres de influências. O tempo das tribos pós-modernas é também o tempo das traduções. A tribo do Metal é uma tradução, são traduções que se espalham pelo mundo, mesmo a Inglaterra país de origem desta música e tribo não é a mesma Inglaterra do final dos anos 1960 onde surgiram o Black Sabbath, Deep Purple e o Led Zeppelin, como diria o cantor brasileiro Lulu Santos¹⁵⁴:

Nada do que foi será/ De novo do jeito que já foi um dia/ Tudo passa/ Tudo sempre passará/ A vida vem em ondas/ Como um mar/ Num indo e vindo infinito/ Tudo que se vê não é/ Igual ao que a gente/ Viu há um segundo/ Tudo muda o tempo todo/ No mundo...¹⁵⁵

3.6 Conclusões

Se por um lado na modernidade reinava esquemas universais baseados em uma lógica racional e também universal, pautada por um plano evolutivo equilibrado e global, que atuava homogeneizando, estabelecendo regras e identidades, por outro lado, a pós-modernidade, progressivamente corrói esse plano, esfacela as ambições homogeneizantes e universais modernas, o substituindo impõe um ideal de despadrãoização e total fragmentação em todos os patamares, cultural, identitário, social e temporal.

Esgotar o tema, que trata de uma lógica de subjetividade, de heterogeneidade e fragmentação, não está entre as tarefas propostas para o presente trabalho, indo

ersectam%20as%20fronteiras%20naturais%20C%20compostas%20por%20pessoas%20que%20foram%20dispersadas%20para%20sempre%20de%20sua%20terra%20natal.&f=false acesso 10/02/2014 19:00

154 <http://www.lulusantos.com.br/> / acesso 10/02/2014

155 Lulu Santos - Como Uma Onda. <http://letras.mus.br/lulu-santos/47132/> acesso 10/02/2014 20:08

além, julgamos que seria uma tarefa bastante ambiciosa e um desafio realmente difícil uma pesquisa dar conta de sua totalidade. Portanto para este trabalho admitindo certa conveniência, foram feitos recortes no sentido limitador de, apontar elementos, tracejar questionamentos e reflexões permeando num determinado tema que foi fragmentado. Repartir uma pesquisa em fragmentos facilita seu estudo e compreensão, pois entende-se que lançar olhar sobre o todo e perceber suas especificidades acaba sendo uma tarefa que poucos conseguiriam realizar. Porém mesmo a partir de escolhas, reduzindo e recortando, o tema do presente trabalho nos apresentou desafios certamente complexos, pois ele (o tema) por si só exibe um grande número de divisões e subdivisões que apresentam cada uma delas uma peculiaridade própria que parecem correr paralelas, mas rumam ao infinito.

Simplificando, no contexto e tema escolhido percebe-se um exponencial e epidêmico surgimento de tribos urbanas, dentre elas o Metal é apenas uma coordenada dentro da totalidade territorial. Porém mesmo sendo encarada como unidade (rappers, pagodeiros, hippies, etc.) as tribos não podem ser entendidas a partir da lógica moderna, pois não conseguimos definir um padrão que expresse totalidade, pois a lógica identitária moderna se esfacela a medida que as identificações acabam ocorrendo de forma contextualizada. Ou seja, aplicando ao nosso caso, a tribo do Metal em seu interior é heterogênea se segmenta, não obedece uma hierarquia, não elege uma verdade, mas ela cria hierarquias e verdades (no plural), que em várias oportunidades se contradizem, se chocam, e não raramente são justificadas por emoções fugindo de qualquer lógica baseada na razão.

A re-configuração de valores modernos dá a luz a pós-modernidade que temos tentado explorar – originando diversas tensões, por exemplo, com relação a identidade headbanger, em um dado momento cria-se todo um discurso que a legitima e tenta a preservar perene, e no momento seguinte procura-se fugir de rótulos e delimitações identitárias caso não se apresente em harmonia ao contexto. A questão entre tradições ou traduções, que recebe papel de destaque no presente trabalho, ao ser relacionada a questão da identidade se apresenta como outro ponto de tensão.

Apontamos em diversos momentos à utilização de supostas tradições com o fim de estabelecer uma ligação temporal continua entre passado e presente, objetivando legitimar culturas ou apenas para criar possibilidades ou uma forma de

sociabilidade ou socialidade – inerente a uma pós-modernidade emotiva e irracional, que estranhamente emerge de uma lógica moderna, que demanda, exige uma função pragmática em qualquer movimento humano.

Existe a consciência que os apontamentos acerca do tema trabalhado criam em suas entrelinhas inúmeros questionamento que poderiam ser largamente desenvolvidos. Questões tiveram que ser descartadas ou resumidas por não caberem ou não serem viáveis para um texto de monografia. A figura feminina dentro desse universo predominantemente masculino, contracultura e cultura de massa, a paixão e adoração quase religiosa de algumas vertentes, enfim poderiam ser muitos os meandros que levariam a novas pesquisas ou mesmo enriqueceriam esta. Porém para o momento há que se colocar um ponto final.

This is the end	Este é o fim
Beautiful friend	Belo amigo
This is the end	Este é o fim
My only friend, the end	Meu único amigo, o fim
Of our elaborate plans, the end	Dos nossos elaborados planos, o fim
Of everything that stands, the end	De tudo que resta, o fim
No safety or surprise, the end	Sem salvação ou surpresa, o fim
I'll never look into your eyes again	Eu nunca olharei em seus olhos de novo
Can you picture what will be	Você pode imaginar o que será? ¹⁵⁶

156 The Doors - The End (O Fim) <http://letras.mus.br/the-doors/11513/traducao.html> acesso 11/02/2014 02:44

REFERENCIAS

Websites: diversos

VIDEOS

Global Metal. Direção: Sam Dunn e Scott Mc Fayden. Canadá, Bangers Productions, 2008, 1 DVD (95 min.) son., color. Documentário.

Metal: A Headbangers Journey. Direção: Sam Dunn e Scott Mc Fayden. Canadá, Bangers Productions, 2005, 1 DVD (96 min.) son., color. Documentário.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor. W. O feticismo na música e a regressão da audição. In: Textos Escolhidos. Coleção os Pensadores. Nova Cultural, 1999. e HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: O esclarecimento como mistificação das massas. In: Dialética do Esclarecimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

AZUBEL, Larissa Lauffer Reinhardt Azubel Revistas Veja e Época: Um Olhar Complexo

BAUMAN, Zygmunt. Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2008.

BENJAMIN, Walter. Paris do Segundo Império. In: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

BARBOSA, Túlio. RESENHA: MAFFESOLI, MICHEL. O RITMO DA VIDA: variações sobre o imaginário pós-moderno. Rio de Janeiro: Record, 2007, 223 p.

BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho Bungenstab Michel Maffesoli: Apontando Caminhos Para Se Pensar A Juventude No Ensino Médio

CAMPOY, Leonardo C. Trevas sobre a luz: o underground do heavy metal extremo no Brasil. São Paulo: Alameda, 2010.

CANCLINI, Néstor G. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008. e JANOTTI Jr., Jeder. A música popular massiva, o mainstream e o underground: trajetórias e caminhos da música na cultura midiática. In: FREIRE F., João e JANOTTI Jr., Jeder. Comunicação e Música Popular Massiva. Salvador: Edufba, 2006. Disponível em: <http://www.midiaemusica.ufba.br/arquivos/artigos/JEDER4.pdf>

CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EdUSP, 2000.

CHRISTE, I. Heavy metal: A história completa. São Paulo: Ed. ARX/ Saraiva, 2010.

FARACO, Felipe Berger Faraco À Sombra Do Rei: Elementos Críticos Para A Análise Da Discografia De Roberto Carlos (1961-1982).

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Ed. DP & A, 2006.

HARVEY, David. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Ed. Loyola, 18ª ed., 2009.

HOBBSAWM, Eric, TERENCE, Ranger (org.) A Invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOBBSAWM, Eric. Adeus a tudo aquilo. In: BLACKBURN, Robin (org.). Depois da queda: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

HOBBSAWM, Eric J. A contribuição de Karl Marx para a historiografia. In: BLACKBURN, Robin (Org.). Ideologia na ciência social. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

IOMMI, Tony. Minha jornada com o Black Sabbath / Tony Iommi ; tradução Tatiana Leão. – 1. Ed. – São Paulo : Planeta , 2013.

JANOTTI Jr., Jeder. Heavy metal com dendê: rock pesado e mídia em tempos de globalização. Rio de Janeiro: Ed. E-papers, 2004. Autenticidade e gêneros musicais: valor e distinção como formas de compreensão das culturas auditivas dos universos juvenis. Rev. Ponto e Vírgula, n. 4, 2008, p. 74-89. Disponível em: <http://www.pucsp.br/ponto-e-virgula/n4/dossie/pdf/ART13JederJanotti.pdf>

MAFFESOLI, Michel. A sombra de Dioniso: contribuição a uma sociologia da orgia. São Paulo: Ed. Zouk, 2005.

MAFFESOLI, Michel. A Contemplação do Mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed. 1995.

MAFFESOLI, Michel. O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

MAFFESOLI, Michel. O Tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MAFFESOLI, Michel. A Contemplação do Mundo. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MAFFESOLI, Michel. A transfiguração do político: a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MARX, Karl, ANGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Martin Claret, 2001.

SANTOS, Taís Vidal. O TRUE contra o POSER – UM ESTUDO DAS CONDIÇÕES E CONTRADIÇÕES DE SER E FAZER METAL UNDERGROUND NA CIDADE DO SALVADOR.

OSBOURNE, Ozzy. Eu Sou Ozzy / Ozzy Osbourne com Chris Ayres ; tradução Marcelo Barbão. – São Paulo : Saraiva. 2010

SENRA, Flavio Pereira. HEAVY METAL, UMA NAÇÃO PÓS-MODERNA? [http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/RL_11Heavy_Metal_Uma_Nacao_Pos_Modern_a_FLAVIO_PEREIRA_SENRA_\(2\).pdf](http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/RL_11Heavy_Metal_Uma_Nacao_Pos_Modern_a_FLAVIO_PEREIRA_SENRA_(2).pdf)

TACUCHIAN, R. Sistema-T e pós-modernidade

WALL, Mick. Iron Maiden: run to the hills: a biografia autorizada / Mick Wall. – São Paulo: Évora, 2014

.